

VARAL DO BRASIL

Literário, sem frescuras!



ISSN 1664-5243



***SONHOS
E
FANTASIAS***

Ano 6 - Setembro de 2015—Edição no. 37



ATIVIDADES DO VARAL

- **Em novembro publicaremos os resultados do III Prêmio Varal do Brasil de Literatura.**
- **Estão abertas as inscrições para a edição de NOVEMBRO de nossa revista com o tema Livre.**
- **Estão abertas as inscrições para a edição especial de Natal e Ano Novo!**

**FIQUE ATENTO, NO VARAL AS
COISAS ACONTECEM!
PARTICIPE! INSCREVA-SE!
varaldobrasil@gmail.com**

**A revista VARAL DO BRASIL circula no
Brasil do Amazonas ao Rio Grande do
Sul...**

**Também leva seus autores através dos
cinco continentes.**

Quer divulgação melhor?

**Venha fazer parte do
VARAL DO BRASIL**

E-mail: varaldobrasil@gmail.com

Site: www.varaldobrasil.com

**Blog do Varal:
www.varaldobrasil.blogspot.com**

***Toda participação é gratuita**

EXPEDIENTE

Revista Literária VARAL DO BRASIL

NO. 37 - Genebra - CH - **ISSN 1664-5243**

Copyright Cada autor detém o direito sobre o seu texto. Os direitos da revista pertencem a Jacqueline Aisenman.

O Varal do Brasil é promovido, organizado e realizado por Jacqueline Aisenman

Site do VARAL: www.varaldobrasil.com

Blog do Varal: www.varaldobrasil.blogspot.com

Textos: Vários Autores

Ilustrações: Vários Autores

Foto capa: © Shutterstock

Foto contracapa: © Shutterstock

Muitas imagens encontramos na internet sem ter o nome do autor citado. Se for uma foto ou um desenho seu, envie um e-mail aqui para a gente e teremos o maior prazer em divulgar o seu talento.

Revisão parcial de cada autor

Revisão geral VARAL DO BRASIL

Composição e diagramação:

Jacqueline Aisenman

A distribuição ecológica, por e-mail, é gratuita. A revista está gratuitamente para download no site do Varal.

Se você deseja participar do VARAL DO BRASIL No. 38 envie seus textos até 25 de setembro de 2015 para:
varaldobrasil@gmail.com

Tema LIVRE.

Toda participação é gratuita.



VARAL ESTENDIDO!

Chega setembro e com ele o último mês de verão.

Este ano temos tido por aqui dias quentes (muitas vezes até quentes demais para nós que vivemos o frio a maior parte do ano!).

Trazemos nesta edição dois temas: Sonhos e Fantasias e também tema livre. Assim deixamos a imaginação voar realizando textos que vão com certeza conquistar seu coração.

Com tanta violência pelo mundo, nada melhor do que uma ilha literária que permita a você, leitor, momentos de lazer, pequenas viagens aos diversos mundos que se encontram aqui nestas páginas e foram enviados por pessoas inspiradas e que amam a escrita.

Temos cordel, poemas, contos, crônicas, colunas com os mais variados assuntos. Uma leitura e tanto!

Nosso concurso, III Prêmio Varal do Brasil de Literatura, foi encerrado no final de agosto e agora os textos estarão nas mãos de nossa comissão julgadora para que os vencedores sejam indicados e as menções honrosas estabelecidas.

Em nossa edição de novembro, edição de aniversário, anunciaremos e publicaremos os resultados.

Até lá, desejamos a você que nos lê o melhor, sempre o melhor!

E quem sabe, você que até hoje só esteve conosco como leitor não se anima a também escrever? Venha!

Uma boa leitura a todos e até a próxima edição que comemorará os seis anos de Varal do Brasil!

Jacqueline Aisenman

Editora-Chefe
Varal do Brasil



- ALDO MORAES
- ANA ROSENROT
- ANDRÉA MASCARENHAS
- ANNA RIBEIRO
- ANTONIO CABRAL FILHO
- ANTONIO MARCOS BANDEIRA
- BRASILMAR ARAÚJO
- CARMEN LÚCIA HUSSEIN
- CERES MARYLISE REBOUÇAS
- CÉSAR SOARES FARIAS
- CLEBER REGO
- CRISTINA CACOSI
- DANIEL DE CULLA
- EDNA BARBOSA DE SOUZA
- EMANUEL MEDEIROS VIEIRA
- FERNANDO SORRENTINO
- GERMANO MACHADO
- GILSON SILVA DE LIMA
- GUACIRA MACIEL
- HEBE C. BOA-VIAGEM A. COSTA
- HELOISA CRESPO
- HUGO ALAZRAQUI
- IOLANDA MARTHA BELTRAME
- ISABEL C. S. VARGAS
- ISADORA CRISTIANA A. DA SILVA
- JACQUELINE AISENMAN
- JAIME CORREIA
- JANIA SOUZA
- JORGE FURTADO
- JOSÉ HILTON ROSA
- JOSE ROBERTO ABIB
- JULIA CRUZ
- JÚLIA REGO
- KAIQUE BARROS MORAES
- LEANDRO MARTINS DE JESUS
- LY SABAS
- MARIA DELBONI
- MARIA (NILZA) DE CAMPOS LEPRE
- MARIA SOCORRO DE SOUSA
- MARILINA B. DE ALMEIDA LEÃO
- MARILU F. QUEIROZ
- MARINA GENTILE
- MARIO REZENDE
- MARLENE B. CERVIGLIERI
- MARLUCE PORTUGAELS
- MAURICIO LIMA
- MOTA JUNIOR
- NORÁLIA DE MELLO CASTRO
- ODENIR FERRO
- RAFAEL REYS
- RAPHAEL MIGUEL
- RENATA SBORGIA
- ROB LIMA
- ROGÉRIO ARAÚJO (ROFA)
- ROZELENE FURTADO
- SANDRA NASCIMENTO
- SILVANA BRUGNI
- SILVIO PARISE
- STELLA MARIS ROSSELET
- TAIS PAROLINI
- TOTONHA LOBO

PENDURADOS
NESTA
EDIÇÃO!

SONHOS E FANTASIAS

Por Anna Ribeiro

Da rosa vermelha
O ardente rubro amor
Dois instantes em juras...
Sonhos que ainda respiram

Aromas, de pronto Paixão!
Por desejos grita o ser

A noite chega, descortinando fantasias
Sufocadas em travesseiros de ilusão.



SONHOS E FANTASIAS EM CORDEL

Por Antonio Marcos Bandeira

SONHOS E FANTASIAS
DE QUANDO EU ERA CRIANÇA
DE QUANDO, ADOLESCENTE
DE MINHAS GRANDES LEMBRANÇAS

FANTASIAS E SONHOS
DE QUANDO ERA ADOLESCENTE
DE QUANDO EU QUANDO JOVEM
SONHAVA UM DIA SER GENTE

SONHANDO MINHAS FANTASIAS
MINHAS FANTASIAS SONHANDO
EM DEVANEIOS E ANSEIOS
DE ALEGRIAS LEMBRANDO

FANTASIAR E SONHAR
SONHO E FANTASIAS
FANTASIA DE JUVENTUDE
DE TRISTEZAS E EUFORIAS

SONHOS E FANTASIAS
SONHEI E FANTASIEI
AINDA FANTASIO E SONHO
FANTASIAS QUE SONHEI

E NO VARAL DO BRASIL
NA FANTASIA DO SONHO
NA POESIA QUE ESCREVO
EM CADA VERSO COMPOUNHO

FANTASIAR-SE É PORTANTO
SONHAR-SE E REALIZAR
EM CADA LETRA QUE ESCREVE-SE

A POESIA A PUBLICAR

FINALIZO A POESIA
NÃO O SONHO, A FANTASIA
NÃO FANTASIO O SONHO
NA RIMA COM ALEGRIA



É a única rosa

Por Gilson Silva de Lima

Desabrocha ao nascer
Das madrugadas
Com o mais doce aroma
Que encanta os ares.

Então, bebo novamente
Desse perfume aromático
No silêncio das primeiras
Horas de todos os dias.

Pois, é a única flor
Cheirosa e altamente bela!
Que eu rego com todo
O amor do meu alegre coração!



Imagem by Incolor 16

Existe um homem que tem o costume de me bater com um guarda-chuva na cabeça

Por Fernando Sorrentino

Existe um homem que tem o costume de me bater com um guarda-chuva na cabeça. Hoje faz exatamente cinco anos que ele começou a me bater com o guarda-chuva na cabeça. No início, eu não suportava isso; agora já estou habituado.

Não sei o nome dele. Sei que é um homem comum, de roupa cinzenta, meio grisalho, com um rosto inexpressivo. Conheci-o há cinco anos, numa manhã quente. Eu estava lendo o jornal à sombra de uma árvore, sentado num banco do bosque de Palermo. Subitamente, senti que alguma coisa me tocava a cabeça. Era este mesmo homem que, agora, enquanto escrevo, continua mecânica e indiferentemente dando-me guarda-chuvadas.

Naquela ocasião, voltei-me cheio de indignação: ele continuou dando-me golpes. Perguntei-lhe se estava louco: nem pareceu ouvir-me. Ameacei, então, de chamar um guarda: imperturbável e sereno, continuou sua tarefa. Depois de uns instantes de indecisão e vendo que não desistia de sua atitude, levantei-me e dei-lhe um soco no rosto. O homem, emitindo um leve gemido, caiu no chão. Em seguida, e aparentemente com grande esforço, ergueu-se e, silenciosamente, voltou a me bater com o guarda-chuva na cabeça. Seu nariz sangrava e, naquele momento, senti pena e remorso por ter-lhe agredido daquela maneira. Porque, na verdade, o homem não me dava exatamente guarda-chuvadas: me aplicava uns golpes leves, completamente indolores. Claro que esses golpes são extremamente incômodos. Todos nós sabemos que quando uma mosca pousa na nossa testa, não sentimos dor nenhuma, apenas achamos desagradá-

vel. Pois bem, aquele guarda-chuva era uma mosca gigantesca que, a intervalos regulares, pousava de vez em quando na minha cabeça.

Certo de que me encontrava diante de um louco, quis me afastar. Mas o homem me seguiu em silêncio, sem parar de me bater. Comecei, então, a correr (aqui devo esclarecer que há poucas pessoas tão velozes quanto eu). Ele saiu em minha perseguição, tentando inutilmente assestar-me algum golpe. E o homem ofegava, ofegava, ofegava e bufava tanto, que achei que se eu continuasse obrigando-o a correr daquele jeito, meu torturador cairia morto ali mesmo.

Por isso parei de correr e voltei a andar. Olhei para ele. Em seu rosto não havia gratidão nem censura. Apenas me batia com o guarda-chuva na cabeça. Pensei em entrar numa delegacia e dizer: “Senhor delegado, este homem está me batendo com um guarda-chuva na cabeça.” Seria um caso sem precedentes. O delegado me olharia desconfiado, me pediria documentos, começaria a fazer perguntas embaraçosas, talvez acabasse por me deter.

Pareceu-me melhor voltar para casa. Tomei o ônibus 67. Ele, sem parar de golpear-me, subiu atrás de mim. Sentei-me no banco da frente. Ele se instalou, em pé, a meu lado; com a mão esquerda se segurava no corrimão; com a direita brandia implacavelmente o guarda-chuva. Os passageiros começaram a trocar sorrisinhos tímidos. O motorista passou a nos observar pelo espelho. Pouco a pouco, foi-se formando uma grande gargalhada, uma gargalhada estrondosa, interminável. Eu, coberto de vergonha, parecia estar em fogo. Meu perseguidor, alheio às risadas, continuou com seus golpes.

Desci – descemos – na ponte do Pacífico. Íamos pela avenida Santa Fe. Todos se viravam estupidamente para nos olhar. Pensei em dizer-lhes: “Estão olhando o quê, imbecis? Nunca viram um homem que bate na cabeça de outro com um guarda-chuva?” Mas pensei, também, que nunca deviam ter visto tal espetáculo. Cinco ou seis meninos começaram a nos seguir, gritando como energúmenos.

(Segue)

Mas eu tinha um plano. Já em casa, quis fechar bruscamente a porta na cara dele. Não consegui: com mão firme, antecipou-se a mim, agarrou a maçaneta, forçou por um momento e entrou comigo.

Desde então, continua batendo-me com o guarda-chuva na cabeça. Que eu saiba, jamais dormiu ou comeu nada. Limita-se a bater-me. Acompanha-me em todos os meus atos, mesmo os mais íntimos. Recordo-me que, no princípio, os golpes me impediam de conciliar o sono; agora, acredito que, sem eles, seria impossível eu dormir.

Mesmo assim, nossas relações nem sempre têm sido boas. Muitas vezes lhe pedi, de todas as formas possíveis, que me explicasse esse proceder. Foi inútil: silenciosamente continuava batendo-me com o guarda-chuva na cabeça. Em muitas ocasiões dei-lhe socos, chutes e – Deus me perdoe – até guarda-chuvadas. Ele aceita mansamente os golpes, aceita-os como parte de sua tarefa. E este fato é justamente o mais alucinante de sua personalidade: esse ar de tranquila convicção em seu trabalho, essa falta de ódio. Enfim, essa certeza de estar cumprindo uma missão secreta e superior.

Apesar de sua falta de necessidades fisiológicas, sei que, quando lhe bato, sente dor, sei que é fraco, sei que é mortal. Sei também que um tiro me livraria dele. O que não sei é se o tiro deveria matar a ele ou a mim. Também ignoro se, quando os dois estivermos mortos, ele não continuará batendo-me com o guarda-chuva na cabeça. De qualquer modo, esta racionalização é inútil: reconheço que não me atreveria a matá-lo nem a matar-me.

Por outro lado, atualmente tenho certeza de que já não poderia viver sem seus golpes. Agora, cada vez com maior frequência, me perturba um certo pressentimento. Uma nova angústia me corrói o peito: a de pensar que, talvez quando mais precisar dele, este homem irá embora e não mais sentirei essas suaves guarda-chuvadas que me faziam dormir tão profundamente.

Tradução de Ana Flores

[De *Imperios y servidumbres*, Barcelona, Editorial Seix Barral, 1972]



Maltratar animais é
CRIME!

by Si.

Não me deixe só!

Tenho medo de fogos e Rufões



Pontuando

Por Heloisa Crespo

O menino só pede bola.
O menino só pede bola!
O menino só pede bola?
O menino só, pede bola.
O menino só, pede bola?

O menino só, pede: bola,
brinquedo, baleba, boné,
balanço, biscoito, bolacha,
bom-bocado, bala, bombom,
bicicleta, bolo, balão,

beijo, carinho, atenção...



MUNDO SINOPSE

Por Hugo Alazraqui

tudo o que é conhecido
é impossível abranger
tanto foi acumulado
que não o vamos compreender

tentei encontrar resumos
para poder entender
sonhei com algoritmos
fórmulas para aprender

percebi de repente
que salgadas e doces
contínuo e em cada instante

vem de todos os seres
invisíveis correntes
que trazem os saberes



Batata gratinada com queijo e cebola

Fonte: allrecipies

- 4 batatas cortadas em rodelas
- 1 cebola cortada em rodelas
- 3 colheres (sopa) de manteiga
- 3 colheres (sopa) de farinha de trigo
- 1/2 colher (chá) de sal
- 2 xícaras de leite
- 1 1/2 xícara de queijo ralado
- Sal e pimenta a gosto



Modo de preparo

Pré-aqueça o forno em temperatura alta (200°C) e unte um refratário.

Faça uma camada de batatas no refratário, seguida de uma camada de cebola e uma última camada de batata. Tempere com sal e pimenta a gosto.

Derreta a manteiga em fogo médio e junte a farinha e o sal, mexendo constantemente. Junte o leite, cozinhe até engrossar e adicione o queijo em seguida, mexendo sem parar até derreter completamente.

Despeje o creme sobre as batatas, cubra com papel alumínio e leve ao forno por 1 hora e meia. Sirva quente.

Sonhos e sonhos

Por Jacqueline Aisenman

Onde vão parar os sonhos não sonhados?
Ainda são esperados?
Já foram reciclados?
Esperam ser encontrados?
Onde estão os sonhos não realizados?
No coração encerrados?
Na gaveta guardados?
Esperam ser renovados?
Sonhos são sonhos... sonhos não morrem
sonhos se transformam
transformação sempre eterna
terna e de pura emoção.



CRÍTICA

Por Jaime Correia

Acreditava ter escrito
Um grande texto, no contexto
Irretocável, ilustrativo,
Minha verdade.
Tolice!

Chegaram as críticas
Pelo que disse, quanta idiotice!
Achava meu texto perfeito,
Não era.
Pessoas vociferaram como feras,
Mostraram meus defeitos,
Preciso rever meus conceitos.

“Amigos” leram e não disseram nada,
Que maldade!
Deixaram-me na ignorância
Por amizade.
Agradeço muito a quem me criticou,
Muito me ajudou,
Me fez ver que aquilo que apresento
É bem diferente do que
Realmente sou.



Horas mudas

Por José Roberto Abib

Falas-me das horas mudas, pensas haver anoitecido

Em vão!

Impossível não concordar, há de fato mais quietude

Ao derredor,

As dimensões etéreas se renovaram, há mistérios

Astrais em meio a isso,

Não se sabe de onde nos chegam,

Trazem em si um silêncio mais envolvente, pouco

Propenso a se esvaír,

Por isso deponho sobre o intangível,

Sinto que o tempo assim se mostra a quem seus

Poderes alcançam,

Asas vibrantes em fuga notável, claro, seus voos rasos

As levam de nós,

Tais horas portam o que pereniza o vácuo, o afrontoso

Alvor do esquecimento, sempre se afastam de nós, e nos

Vazios que consigo carregam trazem as dores que um dia

Houvera meu ser conseguido pensar, embora com tons

De clara e sensível rejeição...!!!



HERÓI ESQUECIDO

Por Julia Cruz

Pulei da cama acordei atrasado fui pra cozinha
pisei no machado, Não tomei café nem pensei
em rezar, Foi pura sorte de eu da serpente es-
capar. Da esquerda pra direita estava uma sala-
manta e da direita pra esquerda uma peçonhen-
ta!

Da direita foi pra esquerda, Só sei que quem se
deu mal foi a da esquerda.

Salamanta mata e come e Mais uma vez a sorte
Livro me da morte Seringueiro sujeito Homem.



Sonhos e Fantasias

Por Maria Socorro de Sousa

Sonhos... Oh desvario brando d'alma
Acolhe-me no silêncio leve
Sonhos adornam em doce chama
Sutil insônia em tempo breve

Fantasia sinuosa compartilha
Emudecem os tristes suspiros
Lábios favoritos cerram giros
Ilusão inebriante. Sonho empilha

Em teus olhos sonhei lindos sonhos
Relampeja na lâmina surda
Amarga lágrima teus carinhos

Descortina vida. O lume muda
Ausente de ti coração chora
Oh Louca paixão! Fantasia rara.



FANTASIAS DOS SONHOS

Por Marilina Baccarat de Almeida Leão

Os sonhos, que permeiam, silenciosamente, a noite, nos mostram o dia, travestido de alegria, após sonharmos com fantasias dos sonhos, durante a noite, que se findou...

Sonhamos com fantasias, que enfeitam os nossos sonhos e nos levam a viajar, por caminhos, onde, antes, nunca havemos passado, só miragens...E seguimos juntos, a elas, procurando um atalho a seguir, a buscar os sonhos travestidos de idealismos, fantasiados em nossas mentes...

Dentro desses sonhos, não sabemos se seguimos o caminho, que nos levará até o mundo da fantasia, ou se ficamos parados, olhando as miragens...

Será que teríamos sido mais felizes se tivéssemos deixado a fantasia, que havia nos sonhos habitados em nós? Seguindo pela noite, que parece ser como um breu, não há luar, só fantasia?...

Seríamos mais felizes se não tivéssemos sonhado durante a noite, seguindo o crepúsculo, por outro atalho, que não os das fantasias dos sonhos?

Qual dos caminhos nos faria mais felizes e realizados, sonhar ou dormir, a noite toda, sem sonhar, não ter fantasias, dentro dos sonhos?

Há possibilidades, que a vida nos oferece. Cabe, tão somente a nós, escolher como vamos sonhar, pois, sonhar, sempre poderá...

Ter fantasias, dentro dos sonhos, é permitido, sempre que pudermos sonhar, também...

A nossa vida precisa de sonhos, de fantasias, que nos levem a lugares de encantamentos...

Quando pequenas, ainda, os sonhos

eram fantasiados com príncipes, princesas, sapos, que receberiam um beijo e se tornariam príncipes encantados...

E, lá, íamos nós, tal qual a cinderela, descendo as escadarias do palácio e perdendo o sapatinho de cristal, perdendo o príncipe...

Ou como a Branca de Neve, que, na floresta, o príncipe a fez voltar do sono, que a bruxa má, com uma maçã envenenada, a tivera feito dormir...

Qual dos caminhos, que escolhêssemos, nos tornaria mais felizes? Mas estaríamos satisfeitas?

As escadarias do palácio, por onde a Cinderela desceu, ou a floresta, onde a Branca de Neve se encontraria, mais tarde, com o príncipe?

Pois é, sonhos são assim, nos levam a vários lugares, ao mesmo tempo, fantasiados de fadas e imaginações...

Tal qual a vida, os sonhos nos oferecem a possibilidade de escolhermos o estilo de como vamos encarar as fantasias, de um dia maravilhoso de sol, após uma noite de sonhos mil...

Sempre temos a tendência de depararmos que seríamos mais felizes, se tivéssemos sonhado com tal fantasia e não com aquela outra, de que gostaríamos...

Ficamos, sempre, na dúvida. Qual fantasia escolheríamos? Paradas, diante da dúvida, não saberíamos...

Creemos que poderíamos ter tido um dia mais pleno de júbilos, se não trouxéssemos nossos sonhos, seguindo as fantasias...

Nunca jazemos ditosas com as fantasias, em nossos sonhos, mesmo que sejam elas feias ou belas, alegres ou tristes, risnhas ou chorosas...

(Segue)

Sempre vamos desejar ter mais e mais fantasias, em nossos sonhos, utopias, que ainda não tivemos...

Sonhos fantasiosos, que ficaram em nossa imaginação e ainda não realizamos... E continuamos pensando: E se? E se?...

Vem a vida e nos mostra uma lista de possíveis fantasias, dentro dos sonhos, mas, só poderemos escolher uma delas, a que vai nos harmonizar...

Pois, só podemos seguir por um único caminho de fábulas. Então, não vamos nos acomodar e escolher o melhor caminho, aquele que nos levará ao imaginário e mais fantasioso dos logradouros...

Não há como dividir as quimeras em muitos caminhos, dentro de nossos sonhos...

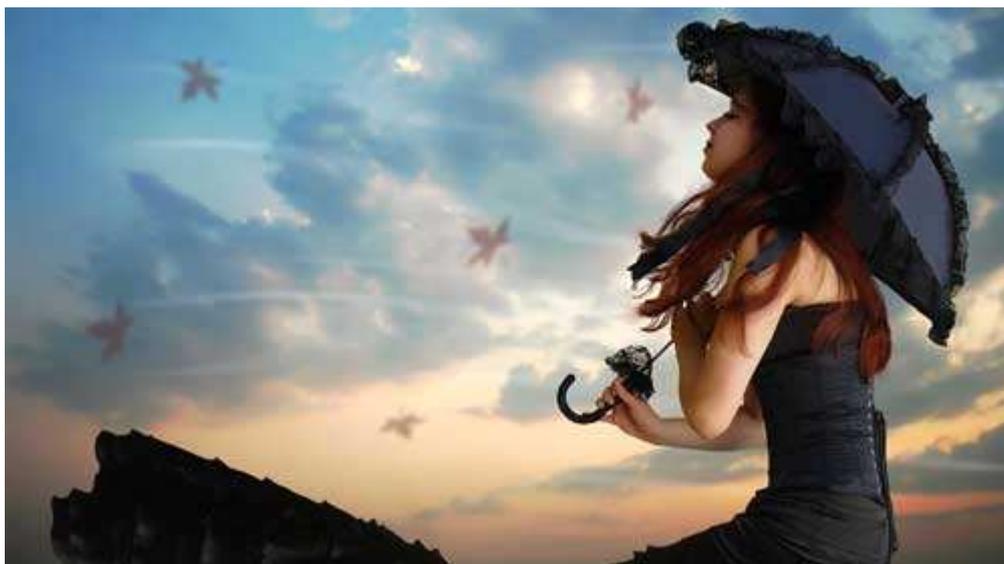
Temos que escolher, apenas, uma opção...

Após uma noite de sonhos e fantasias, o sol desponta, o dia nasce e seguiremos, apenas, o caminho, que escolhemos seguir com as ilusões...

Se propusermos um caminho com fantasias coloridas, floridas, perfumadas, ele nos trará menos armadilhas e dor, pois, somente, as alegorias dos sonhos não vão despir-se das flores...

E, isso, o tempo mostrará... Resta, a nós, seguirmos pelo melhor caminho e correremos atrás das fantasias...

Transformar o dia, após os sonhos, em verdadeiras fantasias de princesas...



O Velho Sozinho

Por Mauricio Lima

- Posso usar esta cadeira? – perguntou o velho sozinho

- Claro – respondi.

Ele prontamente
sentou ao meu lado
Eu havia imaginado
que ele pegaria a cadeira
e se sentaria em algum outro lugar
Aquilo que estava de fato acontecendo
eu não conseguia imaginar

Desespero e solidão transbordavam em sua voz,
eu,
como há muito já havia transbordado,
só fiquei um pouco desconfortável,
irritado,
pois só queria ficar
só

Comíamos em silêncio,
tentei pensar em poesia,
ver uma outra coisa que eu não veria,
que não diria,
mas a realidade era avassaladora
O velho sozinho
sentado
comia

Acho que ele só queria
sentar ao lado de alguém
tanto quanto eu
de ninguém
Parecia abandonado
um bando de nada
nadando
quase afogado

Olhei de relance
Ele parecia emburrado...
Ou seria
enrugado?
Parecia que esperava
que algo esperasse por ele,
mas não aparecia!

Começou então
a sugar a carne
que estava presa
no meio dos dentes
Era uma sinfonia
coerente
com toda aquela gente
presa àquele lugar

Sem me despedir,
com um aceno
com a cabeça,
meio não dado
meio não visto,
levantei
e fui embora,
como se sugado por entre os dentes
daquela tarde vazia

A minha cadeira, vazia,
o fazia companhia,
não fosse ele não estar lá,
o velho

amigo (?)

Eu estava com tanta fome
que me dava azia
Na minha cabeça
eu já tinha comido,
mas sequer havia feito o pedido

AO PÉ DO JATOBÁ

OU FANTASIAS, SONHOS E REALIDADE.

E A VERDADE?

Por Norália de Mello Castro

Ao Jatobá eu fui,
Aqui estou.
Não comi de seu fruto.
Nem o seu pé eu vi.

Prazeroso final do feriadão,
De Corpus Christi
Movendo gente,
De lá para cá.

Restaurante cheio de turistas,
Vindos do Rio, Sampa e Brasília,
Misturada a esses visitantes,
Vou curtindo a bela vista:
A Serra do Rola moça se mostra em panorâmica.

Não dá para pensar em mãos calejadas,
Muito menos enrugadas,
mas em mãos famintas:
Vou devorando com prazer,
O torresmo que é servido,
Em espera pelo filê de traíra...

Se traições fossem boas,
Como a traíra bem tostada,
Não haveria nem vela nem choro,
Só o prazer do momento
De comida saborosa.

Onde está o pé de jatobá?
Procuro-o por toda a extensão
Que meus olhos alcançam...

Em locais como este,
Onde estou neste domingo,
Não há que pensar em saudades e dores.
Somente devorar mais um belo instante,
Que a vida proporciona, sem pejo.
Restaurante repleto.
Panorâmica descomunal.
Céu azul, verde nas matas.
E os sons de gente rindo e falando.
Converso com minha filha e meu genro.
Estou plena de felicidade,
A esperar pelo prato principal.
Na saída, certamente irei ver o pé do jatobá..

Enquanto espero o prato principal,
A memória se faz presente:
Me vejo, menina magrela,
Recebendo de um primo,
O primeiro fruto jatobá.
Ele de cara mascarada de verde,
Me entregando aquele fruto de
Casca grossa, que custei a abrir.
Precisei da ajuda uma pedra.
Meu primo ria de satisfação,
Todo lambuzado...
Esperava minha reação
Que veio de imediato,
Fazendo-me jogar o jatobá
Ao longe...
Cheiro forte, enjoativo, um pó verde contornando
As sementes, agarrando goela abaixo.
Só voltei a tentar comer jatobá, já em fase adulta,
E mesma náusea senti. (Segue)

Frutífera que sou, estranha repulsa senti
Por uma fruta de conteúdo verde.amarelado..
E eis que descubro o restaurante que leva
O nome do jatobá..,uma graça, no alto de um vilarejo...
O pé do jatobá é alto, chegando a mais de 20 metros ,
É árvore centenária, que deu seu nome ao restaurante.
Vale muito estar aqui me enchendo os olhos.
Irei ao Google saber mais, que fruto é este que me
Escapou o prazer por tanto tempo?
deve ter mais coisas...
Arreeee.... o cheiro enjoativo do jatobá me estranha as
Narinas... tampo-as...
Os saborosos filês de traíra, chegam...
Mergulho no prazer de devora-los,,,
Esqueço-me do azedume do jatobá....
Mas ele permanece em mim, por que?
Quantas vezes desci e subi a Serra do Rola Moça?
Perdi as contas.
Quantas vezes vim a este restaurante?
Esta é a 5ª. Vez. E o jatobá não me tocou como hoje.

Talvez porque hoje
meu neto na barriga da filha,
me emocionou e o jatobá me despertou.
Ele me laçou com sua magia e eu me entreguei a este despertar....

Lembrei de um belo pilão de metro e meio feito da madeira do jatobá que perdi em uma mudança de casa.

Lembrei também do colar indígena que trouxe de Goiânia, feito com sementes do jatobá, e dos enfeites para casa feitos com casca de jatobá.

Além de frutífera, sou vidrada em árvores, e esta árvore da Amazônia me escapou, até agora,:

é mística e faz magias, para cura de doenças e melhoramento das ansiedades e tranquilizar os pensamentos...

Mística e mágica é a árvore do jatobá, que descobri num domingo, final do feriado de Corpus Christi..

Tenho certeza que este conhecimento chegou na hora certa para mim, mostrando-me que sou mais do que um amontoado de rugas e saudades...

Que estou aberta para novos conhecimentos com a Mãe Terra. Como tem coisas lindas ainda para aprender!

Serei uma eterna aprendiz da vida, com a curiosidade que ainda tenho por tudo e todos, e que sou capaz de maravilhar-me diante das coisas que se me apresentam.

Ao acabar de escrever, conscientizo que a mensagem desta árvore majestosa, chegou realmente no momento que preciso receber: deslizando pelo Tempo, vendo o jatobá, vem a verdade verdadeira deste encontro: absorver sua doação de energias curativas, curando-me de dores da alma e do físico através de seu chamado mágico.



Jatobá – é uma árvore que resiste centenas de anos, comparada ao ipê e ao mogno. Bem alta, de 30, 40m de altura ou mais, e copas enormes. Originariamente da Amazônia, compõe uma das 10 árvores mais preciosas, madeira dura de lei. Suas sementes aparecem como um fruto, considerado legume, mas com sabor e cheiro forte. Os índios a usavam e usam como árvore mística e mágica, tal a propriedade de curas de suas folhas, frutos e cascas, em chás, para anemias, tosse, bronquite, estômago, e depressão, dizem até que tem propriedade para a cura de câncer. Extraem de suas cascas um vinho muito apreciado pelos índios.

No século XIX usavam fazer doces com a matéria interior de seus frutos. As cascas e sementes são usadas ainda hoje em trabalhos artesanais, para vários enfeites.

Por ser considerada mágica, os índios a usam em rituais, para aliviar a ansiedade e tranquilizar os pensamentos..

Dizem que na Amazônia tem exemplares com mais de mil e/ou quatro mil anos de existência. Um dos jatobás que vi em Casa Branca, disseram que tem mais de 100 anos. Vi outro pé novo, com mais de 15m de altura, com apenas uns 10 anos de existência.



Imagem by Haroldo Palo Jr.

PÃO DE BATATA-DOCE

Fonte: <http://www.guiadasemana.com.br/>

Ingredientes

1 tablete de fermento biológico
1 xícara (chá) de água morna
1 xícara e meia (chá) de fubá
250 g de batata-doce cozida amassada
1 xícara (chá) de açúcar
2 xícaras (chá) de farinha de trigo
1/2 xícara (chá) de manteiga derretida
1 colher (chá) de sal

Modo de Preparo

Misture o fermento com a água e uma xícara de fubá e deixe descansar por dez minutos. Adicione a batata-doce, o açúcar, a farinha de trigo e a manteiga, misturando bem. Acrescente o sal e o fubá restante. Forme uma massa com o auxílio de uma colher de pau e faça os pãezinhos. Coloque-os numa assadeira untada com manteiga. Cubra com um pano e deixe crescer por 30 minutos. Aqueça o forno em temperatura alta. Coloque a assadeira no forno e deixe assar por 40 minutos ou até que a parte superior dos pãezinhos comece a dourar. Calorias: 182 por porção.



SENTIMENTOS CONFISCADOS

Por Cesar Soares Farias

Todo escritor vai percebendo, ao longo da sua carreira literária, a cada novo livro, detalhes que antes não considerara atentamente na estruturação física da obra. Começo a minha primeira resenha do ano, admirando-me perante a singeleza e expressividade que uma capa é capaz de imprimir à um desabafo escrito. Tal qual o príncipe que abandonou tudo para contemplar a própria alma refletida na pequena piscina de um oásis, retratado no filme "Bab'Aziz", do diretor tunisiano Nacer Khemir, a moça da capa parece efetivamente enxergar na clareza e transparência do mar um videoteipe da própria vida.

E é isso o que Jacqueline Aisenman faz magistralmente em seu décimo livro (espero ter acertado na conta), "Sentimentos confiscados", que tem por um lado, a autenticidade histórica de um diário adolescente e por outro a despreocupação cronológica do experimentalismo poético. A obra vem a ser um apinhado de textos curtos e minicontos sem quase nenhuma ligação entre si, aleatoriamente ordenados, casualmente aproximados, deliciosamente misturados. Esse formato tão peculiar, convida os navegantes à uma degustação pausada, despreocupada e sem maiores compromissos com prazos de entrega. Tal liberdade de estilo, própria de uma autora vacinada contra toda espécie de convencionalismos intelectuais, sopra-nos uma suave brisa, que transporta as nossas atenções para o que realmente importa: Entender as raízes dos nossos sentimentos. (mesmo que isso seja praticamente impossível) A intuição feminina à flor da pele dessa catarinense de Laguna, lapidada pelo divino dom da maternidade, confere-lhe uma autoridade ímpar nas coisas da vida, presenteando o leitor com impressões pessoais algumas vezes provocantes. Somos amorosamente estimulados, à cada texto, à revermos as nossas próprias verdades intocáveis, que permanecem preguiçosamente repousadas naquele compartimento interno chamado entendimen-

to. Jacqueline, sem a pretensão de impor dogmas existenciais, convida-nos à uma pausa na insana correria do dia-dia, através de pequenas histórias e reflexões intimistas mas de fácil assimilação. É esse, segundo penso, o principal compromisso que devem assumir os apologistas da democratização da escrita, simplificando toda excessiva frescura que afaste novos leitores.

No livro, em doses condensadas, encontramos crônica, romance, comédia e drama, numa insofismável demonstração das múltiplas ramificações criativas da escritora, que parece de fato não se importar em fazer parte exclusiva desse ou daquele gênero literário. São os seus sentimentos, e nada mais, quem ditam-lhes a próxima trilha à seguir e a maneira de se expressar perante as próximas páginas ainda em branco. De Jacqueline, com efeito, podemos esperar com grata expectativa, o inesperado.

Tomo a liberdade de colocar "Sentimentos confiscados" na categoria das obras fadadas à serem lidas e relidas. Chegamos à última página com a sensação de termos mergulhado fundo nas recordações pessoais de uma amiga, passando a admirá-la e conhecê-la melhor. Intimidade, transmitida com tamanha fluidez, poucos conseguem fazê-lo. É coração na ponta da caneta.

Pedidos: atendimento@designeditora.com.br



Maricá

Por Rob Lima

Quanto tempo aqui resido, já nem sei quantos anos são,
vim de lá onde o asfalto é quente, muitos prédios e poluição.
ainda guardo na lembrança, as amizades de adolescente,
dos amores impossíveis e também da minha gente.
Cheguei aqui desnortado, sem saber pra onde ir,
me sentia acuado, totalmente desencontrado numa
cidade diferente daquela em que vivi.
Mais os anos se passaram, e muita coisa mudou,
O meu sangue é puro orvalho, que a natureza batizou.
Olho tudo a minha volta, nessa cidade abençoada,
vejo vida que se move, na beira da estrada.
Da janela do meu quarto, observo o sol nascer, a noite
ele se põe, pra lua aparecer.
As montanhas que me cercam, me sinto protegido,
a chuva que respinga, é Deus que está me unguindo.
Se um dia eu tiver, que daqui eu me mudar, não será
por vontade própria, mais a vida é quem dirá.
Eu nasci em São Gonçalo, mas pra lá não quero voltar,
com respeito ao meu passado, aqui fui adotado,
Sou bicho solto avoadado... obrigado Maricá.



Sonho e tal

Por Sandra Nascimento

Sonhava...

E o sonho tranquilo escrevia a sua história

De repente o coração fugiu, foi na frente

Mas não viu o céu, não sentiu o calor

ou o sal da vida

Escolha errada – pensei –

Um engano

no meu caminho

longo e estreito

Combustível pra mover tração,

achei que era vento

soprando um barco à vela

no mais calmo dos mares

no mais lindo dos dias,

mas a terra era íngreme e seca

Iludido, via uma onda alta e bela:

Era poeira de estrada sem volta,

escura, pouco asfalto

Avizinhava mata, insetos e serpentes.

Sim, tudo ameaçava

e os meus pés frios e descalços

ficavam embaixo de rodas

ou eram comidos pelos bichos

Além da cerca, certa luz alta

iluminou ipês caídos...

Meu sonho, perguntei:

Onde está a lealdade?

Os dias de vento e de chuva

Um passeio na rua,

a tranquilidade?

O pão da tarde,

um sorriso?

Alguma atitude

Alguma vaidade
E a inocência, há muito fingira?
Verdade ou mentira?
Verdade ou mentira –
disse –, brincando
com o meu sono.



Sonho e fantasia

Por Taís Parolini

Quando eu era pequena,
de olhinhos fechados,
eu sonhava com o amanhã.

Eu andava cantando,
subia na ameixeira
e lá do alto eu via
o meu desejo de crescer.

Quando a noite caía,
ouvia o chiado da chuva
com cheirinho de terra
e uma brisa tão fria.

Minha mãe me chamava.
A janta tá pronta!
O feijão temperado, um silêncio na mesa.
Era a hora do jornal.

Vai pro banho menina!
Faça a sua oração!
Resmungando eu fazia,
protegida eu dormia

e sonhava com o amanhã.

Bem cedinho acordava
com o calor do fogão,
atrasada eu corria
pra tomar café com pão.

Vai com Deus minha menina
e não fale com estranhos!
De mochila nas costas,

abençoada eu seguia

e sonhava com o amanhã.

Ao chegar na escola,
escutava a tia
e imaginava que um dia
professora eu ia ser.

Na fila da merenda
pra pegar arroz-doce,
tristonha eu pensava ...
um dia outra coisa eu vou comer.

Hoje o tempo passou.
Não sonho mais com o amanhã.
Meu coração me pergunta:
por que o sonho acabou?

Não tem mais ameixeira
nem cheirinho de terra,
a geladeira tá cheia
mas o jantar não tá pronto.

Eu não sou professora
mas me lembro da tia,
hoje eu como outra coisa
mas arroz-doce eu queria.

Minhas crenças se foram,
me restou a agonia.
Isto não é mais um sonho,
isto é só fantasia!



Educação: o grande desafio

Por Brasilmar Nascimento Araújo

Um país, necessariamente, é feito de homens comprometidos em pensar e lutar pelo seu povo, na arena da construção da grandeza humana, por seus direitos e valores. Disse Brecht: “Há homens que lutam um dia e são bons; há outros que lutam um ano e são melhores; há aqueles que lutam muitos anos e são muitos bons; porém há os que lutam toda vida. Estes são imprescindíveis”. Bertolt Brecht (1898-1956) - poeta e dramaturgo alemão. E o Brasil anseia por esses lutadores, sobretudo os educadores por desempenharem papel de extrema relevância na vida do nosso povo: a educação como fonte de riqueza humana que transcende todas as fronteiras e é uma forma de integração dos indivíduos. Vale lembrar a participação decisiva por mais de dois séculos (1549-1759) dos Jesuítas na Educação Brasileira; que contribuíram ao processo de colonização do Brasil (1530-1815) e cimentaram os primeiros passos da história do nosso país. Como destaque dos Jesuítas os padres José de Anchieta (1534-1597), Manuel da Nóbrega (1517-1570) e Antônio Vieira (1608-1697). Tinham por objetivos difundir o catolicismo e construir escolas católicas.

A educação deve estar em todos os lugares onde esteja o homem pavimentando o saber às populações de pequenas comunidades rurais, passando pelas metrópoles e suas complexas periferias, abrangendo os povos indígenas e as distantes localidades de ribeirinhos na Amazônia brasileira. A educação como marco de desenvolvimento de um povo, no sentido econômico, tecnológico, do progresso sustentável e a baliza da cidadania. Precisamos fincar essa bandeira em todo território nacional, com projetos educacionais arrojados em todos os níveis e com professores capacitados, como os principais atores na arte de educar seja educador ou educanda. Como foram os educadores José Veríssimo (1857-1916), Júlia Wanderley (1874-1918) a filha de “Ponta Grossa”, Maria Nilde Mascellani (1931-

1999), Mário Palmério (1916-1996) e Miguel Reale (1910-2006). E, na atualidade, Marilena Chauí, Cristovam Buarque, Gabriel Chalita, Cândido Mendes, Moacyr Galdotti, entre outros são referência da Educação Brasileira.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) é a legislação que regulamenta o sistema educacional do Brasil, da educação básica ao ensino superior. Em seu art. 2º, Dos Princípios e Fins da Educação Nacional fica claro que “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. É o cidadão resguardado pelo sagrado direito de aprender garantido pela Constituição Federal. A Associação Brasileira de Assistência e Desenvolvimento Social – ABDS (antiga Pestalozzi de São Paulo), referência de ensino há mais de seis décadas é um exemplo da inclusão de serviços especializados nas áreas de saúde, educação e capacitação profissional para crianças e jovens com deficiência. “Quando nos propomos a ajudar o próximo, precisamos ter em mente que além de palavras, necessitamos de atitudes e ações que comprovem esse desejo”. Ressalta Maria Rosas, presidente da ABDS. É oportuno frisar que, à luz da Lei 11.645/2008, fica claro aos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, públicos e privados, a obrigatoriedade do estudo da cultura afro-brasileira e indígena. É uma forma de resgatar a história desses povos, como partes inseparáveis na formação da sociedade brasileira. É a educação exercendo seu papel pelo conhecimento e entrelaçando todos. Há uma relação primordial entre a escola e a vida social.

Discorrer sobre a educação é um estímulo para lembrarmos de trajetórias de grandes educadores. Como o admirável Paulo Freire (1921-1997) “Patrono da Educação Brasileira” autor de mais de trinta livros sobre a educação foi um dos maiores educadores brasileiros, ao lado de Fernando de Azevedo (1894-1974), Anísio Teixeira (1900-1971) e Lourenço Filho (1897-1970). Celebrizados como os três “cardeais” da Educação Brasileira. (Segue)

Estiveram à frente das principais reformas educacionais do país, transformaram e consolidaram o sistema educacional brasileiro em distintos períodos do século XX. E foi inspirado na Escola Parque (BA), de 1950, de Anízio Teixeira, que Darcy Ribeiro (1922-1997) criou na década de 1980, os Centros Integrados de Educação Pública (Cieps). E na década de 1990, foi à vez do Governo Federal criar os Centros de Atendimento Integral à Criança (Caic): todos fundamentados em assistência em tempo integral às crianças. Darcy teve participação direta na criação da Universidade de Brasília (Unb), em 1962, e foi o 1º reitor.

Não há limites para o saber. A educação proporciona a integração dos povos; liberta-os da obscuridade do conhecimento e, conseqüentemente, abre um vasto horizonte para inúmeras conquistas!

CRUELDADE NUNCA MAIS!



A vida atual

Por Carmen Lúcia Hussein

A vida atual é fragmentada

Tem o desejo do dinheiro

O cotidiano violento

O instante imediato

Tem o impulso do consumo

Do individualismo

O culto do prazer

E do corpo

O ser espiritual ausente

A ênfase no ter

E na alienação.



FAMILIA

Por Daniel de Cullá

Martín acaricia una puerca
Que va a matar por san Martín.

-Hay plazo para el Amor

Le dice su esposa

Mientras, la niña

Tiene entre sus brazos

El cerebro del padre

Y el corazón de la madre

Dando a entender lo mansos

Y quebrantados que están

Por no alcanzar sus sentimientos.

Sus ojos, los de los tres

No están en sus aposentos

Que andan mudados de aire

En la libertad del campo

Donde un caballo

En forma de potro

Echa agua por la boca

Y se ha puesto

Provocativo a lujuria.

-Es de Segovia, dijo la niña.



FAMÍLIA

Martín acaricia uma porca
Que vai matar por san Martín.

-Há prazo para o Amor

Diz-lhe sua esposa

Enquanto, a menina

Tem entre seus braços

O cérebro do pai

E o coração da mãe

Dando a entender o mansos

E quebrantados que estão

Por não atingir seus sentimentos.

Seus olhos, os dos três

Não estão em seus aposentos

Que andam mudados de ar

Na liberdade do campo

Onde um cavalo

Em forma de potro

Joga água pela boca

E se pôs

Provocativo a luxúria.

-É de Segovia, disse a menina.

DOCE DE BATATA-DOCE ROXA

Ingredientes

700 g de batata-roxa
4 cravos-da-índia
1 pedaço de canela em pau
4 xícaras (chá) de água
2 xícaras (chá) de açúcar
1 colher (chá) de essência de baunilha

Modo de preparo. Descasque as batatas e corte-as em pedaços pequenos. Coloque em uma panela de pressão, junte os cravos, a canela e cubra com 4 xícaras (chá) de água fria. Tampe a panela, leve ao fogo médio e cozinhe por aproximadamente 10 minutos ou até as batatas ficarem macias. Desligue o fogo, espere sair a pressão e abra a panela. Escorra a água, elimine os cravos e a canela. Em uma panela, faça uma calda com o açúcar, derretendo-o até dourar. Acrescente a essência de baunilha à 1 1/2 xícara (chá) de água e despeje, aos poucos, com cuidado, pelos cantos da panela até dissolver todos os torrões. Deixe ferver até engrossar um pouco. Junte as batatas pré-cozidas e deixe por mais 5 minutos. Tire do fogo, deixe esfriar e passe para uma tigela. Calorias: 221 por porção.

Fonte: <http://www.guiadasemana.com.br/>



ERA...

Por Emanuel Medeiros Vieira

(Narrativa da esperança)

EMANUEL MEDEIROS VIEIRA

(OUVINDO “JESUS, ALEGRIA DOS HOMENS”, DE JOHANN SEBASTIAN BACH)

PARA CLARICE E PARA LUCAS – E PARA AS CRIANÇAS DO BRASIL

“Opte por aquilo que faz o seu coração vibrar. Apesar de todas as conseqüências”.

(Osho – 1931–1990)

Era tudo ao contrário.

Seria tudo melhor?

O Sagrado estava no mundo,
e andávamos todos sem medo.

Não, não há bichos pré-históricos,

Nem história há.

Mas não havia matanças, obuses, morteiros pernas arreventadas, a cobiça maior, tantas guerras- – o poder é tudo.

(Eu sei: sempre houve. Mas preciso “mentir” para ser “sincero” no que escrevo.)

Reservo-me ao direito de por hoje – só por hoje – de ser ingênuo.

E de repactuar-me comigo mesmo, com os outros, com o cosmos.

(Tudo anda tudo tão melancolicamente grave e desgraçado. Mas abraçamos a vida – intensamente.)

Eu sei: vivemos numa época de absoluta regressão ética.)

O mundo era outro, havia risos – era tudo sonho.

“Saudosista – dizes que tudo era melhor porque já passou”, adverte-me um promotor interno.

Hoje não, por favor: nada de narrativas estilhaçadas – quando todo mundo morre no final.

Um piquenique, campinhos de futebol, praias limpas, morros onde podíamos andar à noite,

E o melhor de tudo: não tínhamos medo.

Ou não? Não sei. Sim: *tínhamos outros medos.*

Termino com Carl Gustav Jung (1875–1961): **“O sentido torna suportável uma grande parte das coisas – talvez tudo. Ele nos conecta com a realidade, inunda as trevas com luz e nos faz atravessar o sofrimento.”**



UMA HISTÓRIA, UMA IDEIA

Por Edna Barbosa de Souza

EXISTIU UM PASTOR DE OVELHAS, CHAMADO DAVI, QUE, ENQUANTO SUAS OVELHAS COMIAM A RELVA VERDE DA CAMPINA, ELE ESCREVA POEMAS. DIANTE DAQUELE LINDO CENÁRIO E COM UMA HARPA NA MÃO, SEUS POEMAS TORNAVAM-SE MÚSICAS.

SURPREENDEU-ME QUANDO DISSE QUE A SUA LÍNGUA ERA COMO “A PENA DE UM HABILIDOSO ESCRITOR”...

PERCEBI, ENTÃO, QUE, QUANDO NASCEMOS, DEUS NOS ENTREGA ESSA PENA E, JUNTO COM ELA, VEM O LIVRE ARBÍTRIO: CADA UM TEM A LIBERDADE DE FAZER O QUE QUISER COM SUA PENA.

ALGUNS ABANDONAM SUA PENA EM UM PORÃO QUALQUER E NUNCA MAIS A VEEM; OUTROS A PERDEM NO CAMINHO E NEM SE PREOCUPAM EM ENCONTRÁ-LA. ALÉM DOS QUE COLOCAM EM UM PORTA-CANETAS SERVINDO COMO ENFEITE, HÁ AQUELES QUE FAZEM DESSA PENA UM PROJETO DE VIDA...

REGISTRAM UMA HISTÓRIA, UMA IDEIA; TOMAM GOSTO PELA COISA E NÃO PARAM MAIS.

HOJE, QUERO DESAFIA-LO A BUSCAR A PENA ABANDONADA TODO ESSE TEMPO – “A PENA DO HABILIDOSO ESCRITOR”,

...DO GENTIL ESCRITOR,

...DO ESCRITOR SONHADOR,

...DO ESTUDIOSO ESCRITOR,

...DO FELIZ ESCRITOR,

...DO ESFORÇADO ESCRITOR,

...DO TÍMIDO ESCRITOR...

...DO PRODUTIVO ESCRITOR,

E COMEÇAR A ENCANTAR VIDAS ESCREVENDO SUAS HISTÓRIAS E INFLUENCIANDO GERAÇÕES COM SUAS IDEIAS.

SIM, SUA HISTÓRIA, SUA IDEIA.





MÍRIAM MERCI

**A NORDESTINA NEGRA QUE
CONQUISTOU O MUNDO COM SUA ARTE
NAÏF**

Por Jorge Furtado

Transbordando de emoção
Irei narrar em cordel
Com a alma plena de luz
Buscando o dulçor do mel
A vida de Miriam Mercí
Com minha verve fiel..

Miriam Mércia da Silva
Eis o seu nome real
E Pernambuco, por sorte
Foi o seu torrão natal
Para ser bem mais preciso,
Em Recife, capital .

Seus pais ,José patrocínio
E Benedita Olegário,
Foram pais de 11 filhos,
Presentes de aniversário
Na casa batia recorde
E ninguém prova o contrário

Mas, brincadeiras a parte
A décima a nascer foi ela
Que desde a sua infância
Já tinha paixão por tela,
E o desejo de fazer
Da sua vida, uma aquarela.
Na escola Padre Anchieta
Ela ali estudava
E num concurso de pintura
Coisa que ela mais gostava
Tirou o primeiro lugar,
Seu talento despontava.

(Segue)

Artista autodidata
Desde a mais tenra idade
No ano de 86
Deu adeus a sua cidade
Foi morar em Fortaleza,
Lutar com garra em vontade.

Ali estudou designer
Publicidade também
Atuou ativamente
Se empenhando em ser alguém
Indo em busca dos seus sonhos
E os anjos disseram - Amém!

Com a sua arte naif
Busca a versatilidade
Divulga a arte popular
Com exímia qualidade
O folclore brasileiro
Eis sua prioridade.

No ano 2004
Viajou pra Portugal
Esse período pra ela
Foi bastante especial
Dando pra sua carreira
Um tom a mais de moral.

Foi justamente aí
Que ela passou a integrar
A um grupo de artistas
De qualidade exemplar
Na região de Algarve

Paradisiáco lugar.

Os artistas da marina
De Vilamoura em questão,
Eis o grupo em que ela
Fez parte da formação
Sendo a única mulher
Ali a entrar em ação.

Maior parte dos clientes
Eram do Reino Unido
Miriam assim obtinha
Seu futuro garantido
Até mesmo pra famosos
Seu trabalho foi vendido.

No ano 2005
Viajou para a Espanha
Com sua alma guerreira
Conquistou mais uma façanha
De encantar os espanhóis
Com a sua arte tamanha.

E já em 2011
Viajou para Paris
Que era seu grande sonho,
O que a deixou bem feliz
E assim poder divulgar
O melhor do seu país.

(Segue)

Ali em 2013

Ela fora convidada
Ao Festival Seison Bresil
Uma grande alavancada
Ao seu ilustre trabalho,
Eita Mulher arretada!

NOSSA TERRA, NOSSA CULTURA

Eis a sua exposição
Divulgando o folclore
Com muita dedicação
Culinária, dança e música
Do Brasil, belo rincão.

A primeira artista plástica
A se fazer residente

No seio de les chant de hommes.
E por ser tão competente
Foi destaque com louvor
No meio de tanta gente.

Miriam teve a influência
De pintores nacionais
De Tarsila do Amaral
Portinari e outros mais
Não é a toa que ela
Tem seus traços divinais.

Chegou 2014

Pra Copa desenvolveu
Um trabalho impressionante
E ao mundo surpreendeu
E até mesmo o Sebrae

Sua arte reconheceu.

Como caso de sucesso
Ela fora consagrada
Por essa nobre entidade
Que acima foi citada
O que serviu de orgulho
Pra minha biografada.

Miriam Já assinou contrato
Com a Abril educação.
E também com a Rede globo
Pro Domingão do Faustão
Onde terá suas obras
Divulgadas num telão.

E até pro facebook
Ela já foi convidada
E ali a sua história
De luta será contada,
Relatando suas vitórias
Minha voz fica embargada.

Também assinou contrato
Com o país Senegal
Através do consulado
Na sua terra natal,
Em mais de trinta países
Sua arte irá, afinal.

(Segue)

Depois passou a integrar
uma grande associação
de caráter mundial
lusófona, que emoção
Sediada em Portugal
Mereceu e com razão.
Foi nomeada embaixadora
da cultura popular
do nordeste brasileiro
algo além do imaginar
pela Atlas Violeta
Que grande honra sem par.

No entanto não foi fácil
Atingir seu ideal
Pra chegar até a Europa
Façanha descomunal
Sem verba suficiente
Com destino a Portugal.

Um amigo parcelou
Sua viagem no cartão
Foi dinheiro emprestado
Que foi pago em prestação
Parcelado em três vezes
Mas honrou essa questão.

Mas ao chegar em Lisboa
Uma mulher apareceu
Funcionária do aeroporto
Que muito ruim procedeu
Atrasando seus compromissos
Esse fato assim se deu.

Tentava desestimular
A nossa guerreira artista
Dizendo que na Itália
Pelo seu ponto de vista
Tudo seria pior
Ô força negativista.

Daí Miriam ficou
No aeroporto até a tarde
Mas depois foi liberada
Pra sua felicidade
Deus age na hora certa
Com extrema autoridade.

Em seguida ela foi
Se arrancar numa pousada
Tomar banho, se alimentar
Que a luta foi acirrada,
Depois rezar numa igreja
Com a alma agraciada.

Depois seguiu pra Itália
E após uma semana então
Miriam ouviu atentamente
uma ordem do coração
Pra voltar pra Portugal
Só não sabia a razão.

Chegando lá, em Algarve
Foi esse o seu destino
E lá ela se encontrou
Foi um caso assim divino
Com um amigo Leonel
Um cliente de trato fino. (Segue)

Ele a apresentou
Ao chefe da segurança
Do Marina da Vila Moura
Pessoa de confiança
Cujo nome era Ramos,
Disso ela guarda lembrança.

Marina de Vilamoura
É um complexo turístico
Famoso em Portugal,
Que tem um espaço artístico
Destinado aos pintores,
E De encanto muito místico.

Agora em 2015
A cerveja artesanal
Cujo nome é Birra arte
Achou tão sensacional
Seu trabalho, que as garrafas
Teve sua arte afinal.

Essa é a História De Miriam
Que narrei nos versos meus,
E que o seu talento cresça
São os sinceros votos meus,
Que a sua vida seja rica,
Das ricas benção de Deus!



Sonhos e fantasias

Por José Hilton Rosa

São tantos sonhos sem fim
na sombra do anoitecer
São claros, lindos, eternos e vivos
na luz do amanhecer

São como brisas que sopram
na noite clara do luar
São verdes dentro dos olhos, que correm
no rio que vai desaguar

Fruto desse sonho
vem despertar o amor
de onde e para onde for

Eles são chorões de estrelas
na luz da escuridão
são sombras de um luar no aflorar
da vida no meu coração

Os sons daqueles que acordam
na voz do meu despertar
minhas lembranças que existem e ficam
no querer de sempre amar

Sonhos e fantasias
camuflados em cada viver
sou pequeno nesses sonhos
sou grande nas fantasias



Batatas ao forno

Fonte: <http://www.comidaereceitas.com.br/>

Ingredientes

- 200g de mussarela em fatias
 - 2 kg de batatas
- 100g de queijo parmesão ralado
 - 100g de manteiga
 - 1 copo de leite
 - 1 copo de creme de leite
- 2 colheres (sopa) de salsinha picada
 - Sal a gosto
 - Pimenta-do-reino a gosto

Modo de preparo

- Descasque as batatas e corte-as em fatias redondas da mesma espessura.
 - Unte uma forma refratária com manteiga.
- Derreta a manteiga restante numa frigideira com a salsinha.
- Arrume as batatas na forma, colocando uma camada de batatas, polvilhe com sal e pimenta-do-reino.
 - Regue com um pouco de manteiga derretida.
 - Cubra com fatias de mussarela.
 - Jogue por cima o leite e o creme de leite.
 - Polvilhe com queijo parmesão ralado. Leve ao forno para assar.



O Afastamento

Por Kaique Barros Moraes

O afastamento de sua alma
Para com a minha que tão fraca fica,
De seu coração que tanto me falta
E me completa sem deixar que o desperdício
De um amor,
De uma chama do vulcão da paixão
Seja tão frequente quanto o amanhecer que
Ao seu lado fica tão mais perfeito
De um dia tão glorioso
Que é remetente de uma paixão
[...]
De um fogo que sem fim exterminava
Para sempre sem o furdúncio de uma ilusão
Que seu coração sem instala
E planta a semente da discórdia de uma paixão
Que sem chão me faz voar.



SONHOS DELIRANTES

Por Mário Rezende

Eu vivo sonhando...
E agora você é o pretexto,
 mais que perfeito,
bem assim, do meu jeito.
Personagem frequente
dos sonhos delirantes
 e muito calientes
que apressam o meu peito
 e agitam a cama
deste homem que lhe chama,
quando, nas noites ousadas,
o seu corpo imaginado e desejado
 me aquece e inflama.



Foto by Sandy Manase

Vida de poeta

Por Mota Júnior

*O poeta que ainda não sou,
leva o aprendiz que sou,
a conhecer os poetas que são,
e os exemplos que dão,
para eu aprender a ser também.*

(Mota Junior)

A poesia está em todos os lugares. O cotidiano com seus encontros e desencontros, sob um céu azul ou numa tarde chuvosa, na dura calçada aquecida pelo sol ou nos bosques refrescados por brisas. Tudo é poesia.

Poesia é uma viagem da consciência e o viajante nunca volta o mesmo. Nessa “máquina do tempo” onde a memória vai ao passado e o sonho busca o futuro, o presente é para os que leem.

No “país” em que vive, o poeta observa as “fronteiras” em outra dimensão e tem como linguagem oficial os lirismos, dramas e

epopeias da vivência. Para falar, para cantar a vida, o amor, o céu...

Ao acordar, pela manhã, é que o sonho começa e nas suas observações o poeta faz uma leitura da vida, uma leitura de mundo. E, aprende novos verbetes; a memória lhe devolve os já conhecidos. Junta-os e compõe criando imagens e sugerindo emoções. Combina os sons, ritmos e significados num abençoado poetar.

É dom de poeta falar muito em poucas palavras, fazer o nada existir, ver a cordas brisas, tirar concreto das sombras e sentir o cheiro do sol. Para ser um poeta é preciso ter sentidos apurados, é preciso ser extraordinário.

Poeta é sinônimo do desmedido, do surpreendente, do celestial. O poeta transcende os limites da experiência possível.

*Ler é pressuposto de vida,
conhecimento é crescer,
sabedoria é florescer...*



Ilumina-me!

Por Sílvio Parise

Ilumina-me! Oh, Ser cheio de esplendor revelando-me o teu Amor que, realmente tudo atina. Ilumina-me! Oh, Luz sublime e Divina...Espírito manso e certo, mostrando-me o que não está correto em minha simples e breve vida. para, que assim, conforme o que me mostrar, possa definitivamente mudar e, então, livremente divulgar tudo aquilo que por Amor a todos ensina. Pois o mundo está repleto de maldades que, infelizmente, aumentam rapidamente, porque decidiram seguir meras inverdades por isso, são cada vez mais tristes de verdade. Daí, veementemente pedir-te! Oh! Deus imutável... Ilumina-me! Pois preciso constantemente do teu amparo.





CULTÍSSIMO

POR ANA ROSENROT

Qual é a importância de um sonho? O quanto estamos dispostos a arriscar para realizar esse sonho? A família, a estabilidade financeira, a própria sanidade?

Um fazendeiro que abandonou a cidade grande pela tranquilidade do campo, para viver em paz ao lado de sua esposa e de sua filhinha, terá que buscar essa resposta custe o que custar, para somente então se reconciliar com o passado e seguir em frente, ou perder tudo tentando.

Várias vezes na vida nos deparamos com dilemas difíceis, com escolhas sem volta, com riscos que todos consideram desnecessários, com sonhos impossíveis; o filme que trago hoje fala exatamente de tudo isso: "Campo dos Sonhos" (Field of Dreams) dirigido por Phil Alden Robinson e estrelado por Kevin Costner no papel de Ray Kinsela, um homem que possui uma bela família, uma fazenda e um produtivo milharal; um homem feliz, mas que sabe que falta algo muito importante em sua vida e resolve seguir "as vozes" que escuta, arriscando tudo numa jornada que pode levá-lo à ruína ou a redenção.

Baseado no livro de W.P. Kinsella, "Campo dos Sonhos" é um filme mágico, que contagia sem pretensões, nos transporta para dentro do mundo de Ray; é um filme de Baseball que pode ser assistido até por quem não aprecia ou entende o esporte, pois a mensagem que ele traz é de reconciliação, de segunda chance, de sonhos que se realizam, esforços que são recompensados, de vidas que se transformam.

Contando com as atuações belíssimas de James Earl Jones (como o escritor Terence Mann, baseado no recluso JD Salinger),

Burt Lancaster em sua última atuação, como o jogador Archibald "Moonlight" Wright Graham (que realmente foi um jogador que desistiu do baseball para estudar medicina) e Ray Lyotta (como o jogador "Shoeless" Joe Jackson), acompanhamos a luta do fazendeiro Ray Kinsela e seus esforços para construir um campo de baseball onde será disputada a partida mais emocionante de sua vida e será a realização de um sonho que mudará para sempre sua forma de ver o mundo, de entender seu falecido pai e seu amor pelo esporte e fortalecerá os laços que o une a seus familiares.

Com três indicações ao Oscar, uma deliciosa trilha sonora, um enredo cativante e uma frase que nos enche de esperança "if you build it, he will come" ("Se você construir, ele virá"), votada como a 39ª melhor frase da história do cinema, pelo American Film Institute, "Campo dos Sonhos" é um daqueles filmes que todos precisam assistir e permitir-se sonhar junto com os personagens e acreditar sempre que tudo é possível.

Obrigada e continuem acompanhando a coluna!!

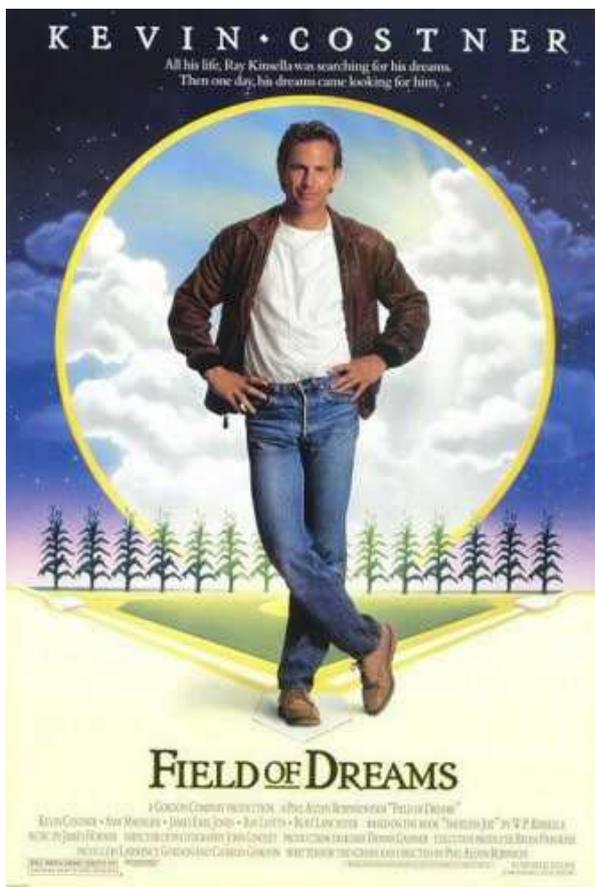
(Segue)



Campo dos Sonhos (Field of Dreams) 107 min – Drama -1989 (Estados Unidos) - Um fazendeiro de Iowa, Ray Kinsella (Kevin Costner), ouve a seguinte frase: “se você construir, ele virá”. No início Ray achou que era apenas sua imaginação, pois sua mulher, Annie (Amy Madigan), não ouviu nada e a filha deles, Karin (Gaby Hoffman), também nada escutou. Além disto a voz não explicava o que devia construir e quem viria em razão disto. Ray tem algumas visões e entende que deverá construir um campo de baseball, o que fará com que "Shoeless" “Descalço” Joe Jackson (Ray Liotta) volte a jogar. Acontece que Joe não jogava há mais de 50 anos, pois em 1920 ele e outros 7 jogadores, foram acusados de entregar o campeonato e impedidos de jogar para sempre. Joe nem estava vivo e, mesmo sabendo que construir um campo de baseball afetaria sua plantação de milho e o deixaria em uma delicada posição financeira, Ray resolve acatar o pedido da voz. O que estava para vir era algo que Ray e sua família não poderiam imaginar.



Para contato e/ou sugestões:
anarosenrot@yahoo.com.br





HISTÓRIA DO BRASIL SOB A ÓTICA FEMININA

Hebe C. Boa-Viagem A. Costa

Rita Lobato Velho Lopes

1866– 1954

Primeira médica formada no Brasil

Como pioneira Rita teve que enfrentar dificuldades. A medicina, tradicionalmente, pertenceu à cidadela dos homens e, sob a alegação de questões de ordem moral, era considerada uma profissão inadequada às mulheres. Entretanto, aconteceu um fato curioso: muitas jovens acorreram às escolas médicas, com o apoio da família, tão logo foram liberadas as matrículas para o sexo feminino. Ser a primeira médica formada no Brasil era um objetivo tentador e, muitos pais o almejavam para suas filhas. Rita teve o apoio incondicional da família, mas também sofreu pressões para que não atingisse seu objetivo. Precisou mudar de cidade para fazer seu preparatório para o curso a fim de evitar a interferência desleal de concorrentes.

Rita nasceu na cidade gaúcha de São Pedro do Rio Grande e era filha de Francisco Lobato e Rita Carolina Velho Lopes. Na Estância de Santa Isabel, próxima a Pelotas, onde seu pai se dedicava ao comércio de charque, passou os seus primeiros anos de vida. Era uma família grande, harmoniosa, e

Rita desfrutava da companhia de muitos irmãos. Em 1871, os Lobatos se mudaram para a Estância do Areal e Rita, então com cinco anos, começou a estudar na escola pública primária dirigida pela professora América Soares de Abreu. Inteligente, esperta e estudiosa, Rita concluiu o primário aos nove anos. Em Pelotas frequentou diversas escolas e, posteriormente, transferiu-se para Porto Alegre onde concluiu o curso, sempre tendo resultados excelentes que viravam notícia no *Jornal do Comercio* da cidade. A próxima etapa seria ir para o Rio de Janeiro e matricular-se na Escola de Medicina. Nessa altura, já estava namorando um primo distante, mas assim mesmo pensava em levar avante o seu plano embora isso lhe fosse penoso. (Segue)



Em 1883, D. Rita Carolina esperava o décimo quarto filho e tudo indicava que o parto seria como os anteriores; mas isso não aconteceu. Logo após o nascimento da criança, uma forte hemorragia não pode ser debelada e ela faleceu. Rita estava em Porto Alegre quando recebeu a notícia que muito a entristeceu. A morte da mãe fortaleceu sua decisão de estudar medicina. Precisava, e muito, contribuir para que fatos como esse, não mais acontecessem. As mulheres deveriam ter melhor assistência quando davam à luz e, para tanto, nada melhor do que outra mulher, suficientemente preparada, para atendê-las. As mulheres dessa época não dispunham de um acompanhamento médico rotineiro posto que, por preconceito, os exames a que se submetiam eram muito superficiais. Ficavam, portanto, à mercê das “curiosas” que, sem nenhuma habilitação e sem qualquer noção de higiene, tentavam ajudá-las na difícil hora do parto.

Em 1884 Francisco Lobato após organizar seus negócios e acomodar os quatro filhos menores embarcou para o Rio com os outros cinco filhos e três escravos. As matrículas foram feitas: o irmão mais velho, no curso de farmácia e Rita e Antonio no de medicina.

Na faculdade Rita foi bem recebida pelos professores e pelos colegas. Outras moças também frequentavam o curso. Rita não teve dificuldades nesse primeiro ano. Foi aprovada com notas plenas nas disciplinas de Física Médica, Química Mineral e Mineralogia Médica, Botânica e Zoologia Médica. Esperava ansiosa pela chegada do namorado que resolvera voltar a estudar e viria ao Rio para fazer Direito.

Os Estatutos da Faculdade foram mudados pela Reforma Felipe Franco de Sá e muitos estudantes se sentiram prejudicados. Alguns se excederam, entre eles Antonio irmão de Rita, e se indispuseram com os professores. Preocupado com a possibilidade de tal acontecimento vir a prejudicar os outros filhos, o pai preferiu mudar-se, com a família, para Salvador, BA. Lá, todos voltariam a estudar. Os planos de Rita e seu namorado foram por água abaixo. Desmotivado ele desistiu de voltar a estudar e continuou no Rio Grande do Sul.

Na Bahia, Rita foi a primeira mulher a matricular-se no curso de medicina. Novamente foi bem recebida pelos colegas. Os estudantes brasileiros mostraram-se, assim, bem diferentes daqueles europeus que, no mesmo século XIX, insultaram e agrediram as sete moças “que ousaram matricular-se na Escola de Medicina de Edimburgo, Escócia”. Nesse ambiente cordial Rita iniciou o segundo ano do curso médico.

A família Lobato sofreu, em seguida, mais uma tragédia. José, o menino de doze anos, teve varíola, não resistiu e faleceu. Todos ficaram muito abalados com as duas perdas em tão pouco tempo.

A Reforma Felipe Franco de Sá, que tanta confusão criara ao ser implantada, permitia aos alunos a antecipação dos exames. Para Rita, inteligente e estudiosa, foi uma oportunidade excelente para completar o curso num prazo mais curto.

(Segue)

Normalmente sua duração era de seis anos contando com vinte e seis cadeiras distribuídas ao longo do curso. Estudando com afinco o que ouvia nas aulas, muito atenta nas aulas práticas e freqüentando com assiduidade a biblioteca da Faculdade, após cinqüenta dias de sua inscrição no segundo ano, Rita solicitou a antecipação dos exames relativos ao ano letivo. Em julho de 1885 os jornais divulgavam o resultado do seu desempenho em Química Orgânica e Histologia: plenamente aprovada. Em outubro ela submeteu-se aos exames de Anatomia Geral e Descritiva e novamente o Diário da Bahia noticiou: plenamente aprovada.

O sucesso obtido na segunda série a incentivou a fazer a terceira em seis meses. Bastava aproveitar as férias para preparar-se. E foi o que fez. Em março de 1886, ao matricular-se na terceira série, solicitou a antecipação dos exames desse ano letivo. Em maio, foi plenamente aprovada em Fisiologia, Anatomia e Fisiologia Patológica e Patologia Geral.

Incansável, Rita em julho se matriculou na quarta série e se dispôs a cumpri-la em três meses. Em outubro, novamente foi aprovada com nota plena. Estava pronta para cursar a quinta série, mas resolveu tirar umas férias e só voltar a estudar no ano seguinte.

Durante cinco meses Rita aproveitou para conhecer a Bahia, conviver com a sua elite, viajar, passear... Foi um período feliz, descontraído. Muitos rapazes, atraídos por sua beleza e inteligência, a cortejavam, mas ela delicadamente não alimentava suas pretensões.

Em março de 1887 Rita se inscreveu no quinto ano de medicina e se propôs a preparar-se em dois meses e meio para pedir a antecipação dos exames. Novamente realizou seu objetivo e sempre com notas plenas. Em agosto inscreveu-se na sexta série. Além das sete cadeiras clínicas, teria as de História da Medicina, Toxicologia e Medicina Legal e também a tese de fim de curso. Em outubro as provas tiveram início e, uma semana depois, vieram os resultados: aprovada com notas máximas!

Sua tese *Paralelo entre os métodos preconizados na operação cesariana* foi aceita pela Comissão Revisora por estar de acordo com Estatutos e obteve do Diretor da Faculdade o *Imprima-se*. A argüição foi marcada para o dia vinte e quatro de novembro de 1887.

No dia aprazado, sendo a primeira mulher na Faculdade a defender tese e também pelo brilhantismo com que realizara o curso, o auditório estava repleto. Os arguidores tinham vinte minutos cada um para fazerem as ponderações e, por último, o Presidente. Em seguida vieram os questionamentos que ela soube defender com precisão encantando professores, colegas, amigos e familiares. Entre eles estava Olinto Máximo Magalhães, seu colega mineiro que não perdia a esperança de conquistá-la.

A formatura aconteceu no dia 10 de dezembro de 1887. Rita realizara seu sonho, era médica, a primeira formada no Brasil!

(Segue)

Terminara a fase baiana. Era hora de tomar novos rumos. Os irmãos ficaram no Rio onde continuariam seus estudos e Rita e o pai voltaram para o Rio Grande do Sul.

O retorno foi emocionante. Em Porto Alegre reviram os amigos que, durante todo o tempo, acompanhavam através dos jornais o excelente desempenho de Rita. Encontrar-se com o namorado, Antonio Maria, em Rio Pardo foi o seu novo objetivo. Ficou feliz quando constatou que, apesar de tantos anos distantes, ambos continuavam com o mesmo afeto. Em Porto Alegre, Rita iniciou sua vida profissional atendendo, no seu consultório, sua clientela feminina.

Em julho de 1889 Rita e Antonio Maria se casaram e foram residir em Jaguação onde Rita clinicou até o ano seguinte. Depois de uma viagem ao Rio de Janeiro, onde permaneceram por três meses, o casal se fixou em Porto Alegre. Rita passou a atender apenas as clientes que a procuravam na sua residência. Em outubro nasceu a sua filha Isis. No ano seguinte adquiriram a Estância de Capivari onde passaram a residir. Enquanto Antonio Maria se dedicava aos trabalhos rurais e de mineração, Rita cuidava da filha e atendia sua clientela. Foi uma fase tranquila só quebrada em 1897 quando receberam a notícia do falecimento do irmão mais velho ocorrido em São Paulo. Pouco tempo depois, novo sofrimento. A morte do pai, seu grande companheiro e incentivador, deixou Rita arrasada.

Estava longe o tempo em que dispunha do dia todo para estudar. Atender a clientela, cuidar dos afazeres domésticos e da

família fazia parte do seu dia-a-dia até que, em 1910, com a filha já moça, ela resolveu atualizar-se. Foi para Buenos Aires e lá permaneceu durante cinco meses. Frequentou cursos, estagiou em hospitais e assistiu a conferências. Estava pronta para retornar a Estância Capivari e voltar às suas atividades, especialmente no exercício da medicina. Atendia a todos, ricos e pobres indistintamente, pois seu objetivo era aliviar, confortar e curar, tal como prometera ao fazer o juramento de Hipócrates. A qualquer hora, do dia ou da noite, a Dra. Rita se dispunha a ver seus doentes aonde eles estivessem o que a obrigava, muitas vezes a cavalgar, com bom ou mau tempo, só ou acompanhada por algum empregado.

Em 1925 Isis, tal como a mãe, a avó e a bisavó, se casou com um primo. Nessa ocasião Rita resolveu encerrar sua vida profissional e viver tranquilamente ao lado do marido. Entretanto mal pode usufruir essa felicidade. Em 1926 Antonio Maria faleceu encerrando uma linda história de amor. Foi muito difícil suportar a dor desse triste desenlace.

(Segue)



Rita precisava ocupar-se com algo absorvente que a ajudasse a preencher o vazio que tomara conta de sua vida. O movimento feminista que lutava pelos direitos políticos da mulher brasileira chamou a sua atenção. Acompanhava com interesse os esforços de Bertha Lutz* para que a mulher pudesse votar e ser votada. Vibrou quando, pelo novo Código Eleitoral de 32, o movimento de Bertha Lutz* foi vitorioso e quando nas primeiras eleições a médica Carlota Pereira de Queiróz* foi eleita para a Assembléia Federal. Percebeu então que era na atividade política que ela gostaria de atuar e, ativa como sempre, procurou tomar as medidas necessárias para tanto. Filiou-se ao Partido Libertador, tirou seu título de eleitora e em 1934 candidatou-se e elegeu-se vereadora de Rio Pardo (RS). O golpe getulista de 37 interrompeu o mandato de Rita, mas não a sua atuação na política.

A partir de 1940, depois de um pequeno acidente vascular cerebral, embora tenha logo se recuperado, Rita diminuiu suas atividades. Apenas diminuiu! Eleita Presidente de Honra do *Comitê Feminino Pró Candidatura Darci Porto Bandeira à Prefeitura de Rio Pardo*, em 1943, redigiu um panfleto solicitando o apoio do povo para a eleição desse candidato. Gradativamente foi reduzindo, cada vez mais, a sua atuação fora do lar. Gostava de ouvir rádio, pois, por meio dele, podia acompanhar os acontecimentos, a política do Brasil e também os jogos de futebol de seu time predileto, o Clube Internacional. Sua maneira de ser encantava os que dela se aproximavam. Sabia ouvir e também contar as histórias pitorescas de sua vida. Mesmo nos seus últimos meses, quando já apresentava

deficiências auditiva e visual, ela se mantinha lúcida.

Faleceu em 6 de janeiro de 1954.

Em vida recebeu homenagens e continuou sendo manchete de jornais que sempre ressaltavam o seu pioneirismo.

- Conferência realizada no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1950, sob o tema: Dra. Rita Lobato, a primeira médica formada no Brasil – Faculdade de Medicina da Bahia. Conferencista: Dr. Alberto Silva, Catedrático da Universidade da Bahia. Dra. Rita, aos 84 anos, esteve presente.

Instituto Baiano de Medicina – 1950 – Dra. Rita Lobato Freitas (nome de casada) é aclamada Membro Honorário do Instituto Baiano de Medicina.

Para saber mais:

COSTA, Hebe Boa-Viagem – *Elas, as pioneiras do Brasil* – Ed. Scortecci- SP - 2005



Tortilla de batatas

Fonte: <http://www.petiscos.com/>

Por Neusa Borges

1kg de batatas descascadas
250 ml de azeite de oliva
250 g de cebola em rodela
6 ovos
sal a gosto

Preparação

Corte as batatas em rodela. Aqueça o azeite numa frigideira funda, de preferência antiaderente, e frite as batatas por cerca de 10 minutos. Retire com uma escumadeira e coloque sobre toalha de papel para escorrer. Adicione sal a gosto e reserve.

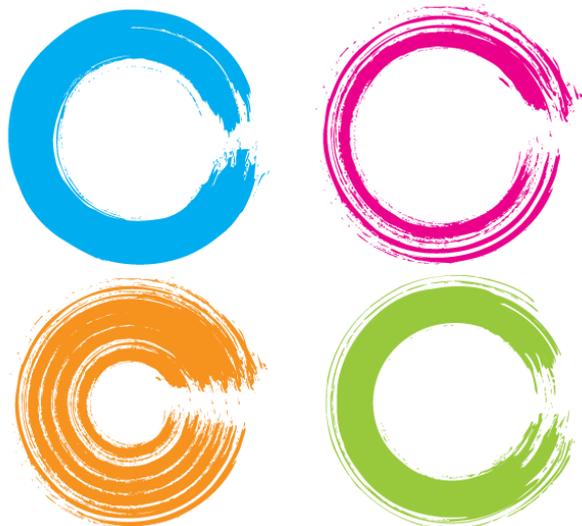
Frite no mesmo azeite as cebolas, até ficarem macias. Retire com uma escumadeira e coloque sobre toalha de papel para escorrer. Adicione sal a gosto e reserve.

Numa tigela, bata bem os ovos e tempere com sal. Elimine o excesso de azeite da frigideira, coloque os ovos batidos e junte as batatas e as cebolas. Espalhe bem e cozinhe em fogo médio, soltando as laterais de vez em quando e sacudindo para não grudar o fundo. Quando a parte de baixo estiver dourada e firme, vire a tortilla, com o auxílio de uma tampa de panela ou de um prato, e coloque de novo na frigideira para cozinhar do outro lado, repetindo o procedimento.

Retire da frigideira e sirva quente ou fria. Se preferir, corte a tortilla em pedaços menores e sirva sobre fatias de pão (neste caso, você pode colocar por cima azeitonas, anchovas ou decorar com alecrim).

Foto da Revista Menu.





BRINCANDO COM AS PALAVRAS

Por Maria Delboni

Se ouço bem – falo bem

Falar uma língua é questão de automatismo; e falar bem ou mal vai depender do ambiente de aprendizagem, mas escrever dependerá sempre do ensino escolar.

Uma criança aprendendo uma língua automatiza as expressões sem questionamentos.

Ela reproduz o que as pessoas ao seu redor falam; usa seus modismos e comete os mesmos erros. Mais tarde, quando na escola, ela vai elaborar e burilar essa língua, e terá tanto a corrigir quantos forem os erros da comunidade em que ela está inserida.

O uso do mal com “l” ou com “u” é um problema que só vai aparecer na escrita e na fase escolar. Para falar, a criança não terá problemas pois o som de “l” e de “u” em português é o mesmo: os dois têm o mesmo ponto de articulação, por isso não produzem nenhuma diferença na fala.

Quando se fala: “Ele é um homem mau” ou “Ele escreve mal”, a pronúncia é a mesma, mas para escrever a coisa se complica. Para diferenciar é preciso saber que “mau” é um adjetivo, e deve acompanhar substantivos – nomes, e que “mal” é um advérbio e deve acompanhar verbos ou advérbios, e nunca substantivos. O estudante às vezes leva anos para fazer com automatismo essa diferença. Vamos usar um joguinho que funciona: usar os contrários. Se no lugar de “mau” couber “bom”, então mau se escreve com “u”; se “mal”

puder ser substituído por “bem”, então “mal” se escreve com “l” – apenas coisas da gramática. Assim homem “mau”, pode ser homem “bom”, e nunca “homem bem”, logo “mau” se escreve com “u”. Jogando – “Eu escrevo “mal”, pode mudar para “eu escrevo bem”, neste caso “mal” será com “L”. Simples assim.

Outro erro recorrente é o uso do verbo ver, quando usado no subjuntivo. A pessoas sempre dizem: quando você ver Maria, dê-lhe notícias minhas, ou “Se você ver Maria dê-lhe lembranças minhas. Errado. O futuro do subjuntivo é: quando eu vir, quando tu vires, quando ele vir, quando nos virmos quando vós virdes quando eles virem. Do mesmo modo ocorre um erro na conjugação do imperfeito do subjuntivo que é: se eu visse se tu visses se ele visse, se nós víssemos, se vós vísseis, se eles vissem. Note-se que os dois exemplos acima, se referem ao futuro, mesmo levando o “se” marca do imperfeito a ação se refere ao futuro, então deveria se dizer “quando você vir”. “se você vir”

Ajudou ? Vai servir para algo? Muito bom, até a próxima.





TOP DO POP

Raphael Miguel

RELATIVIZAR?

Desde muito cedo somos apresentados à histórias fantásticas que criam bases sólidas para o resto de nossas vidas. As mais valiosas lições são aprendidas com clássicos e contos de fada passados de geração para geração. Essas bases são de extrema importância e sempre trazem uma constante: o bem X o mal.

Nas histórias infantis existe uma linha bastante definida daquilo que é bom e daquilo que é mau. O protagonista, belo e inocente, é colocado frente a frente com sua contraparte, o vilão feio e sagaz. É assim em *Rapunzel*; *Cinderela*; *Chapeuzinho Vermelho*; *João e o Pé de Feijão*... etc... Vasculhe em sua memória e encontrará essas referências.

Uma ou outra variação, como em *Branca de Neve e os Sete Anões* (onde a vilã

também é incrivelmente bela), mas a essência sempre está ali. O bem X o mal.

Passada a fase da infância, somos obrigados a observar os contos tidos como infantis de outra forma. Muitos tiveram uma origem sombria. Contudo, as adaptações para o público infantil é de extrema importância para o resto da vida, mostrando que o bem e o mal são antagônicos.

O problema é quando tentamos trazer certa relatividade nas ações do protagonista e do antagonista. É aquela velha história: *o bonzinho não é tão bonzinho assim; o malvado fez o que fez por certas motivações*.

Sim, jovens e adultos são plenamente capazes de fazerem a distinção entre o bem e o mal de forma eficaz diante da relatividade do caráter e motivações dos personagens. Mas, e as crianças? (Segue)

Quer um exemplo desta problemática? Lá vai: *A Bela Adormecida*.

A Bela Adormecida era um conto que se tornou popular nas letras dos *Irmãos Grimm*, apesar de haver versões antecessoras antes da fama. Com a animação de *Walt Disney* de 1959, o conto ganhou proporções até então não experimentadas e se tornou um clássico infantil. A versão mais conhecida da história. Ali, o bem e o mal estavam devidamente definidos.

Entretanto, mais recentemente, em 2014, os *Estúdios Disney* nos agradeceram com *Malévola*, trazendo a cultuada *Angelina Jolie* interpretando a personagem principal. *Malévola*, antagonista apresentada pela própria *Disney* em 1959 se torna a protagonista em 2014 através de uma história com uma nítida inversão de valores. A vilã somente fez o que fez motivada por uma série de acontecimentos. Pronto. Relativizaram as ações de uma vilã e a transformaram em uma espécie de (anti) heroína. De repente, a *Bela Adormecida* pareceu uma sonsa.

Apesar do enredo um pouco mais obscuro, a trama ganhou classificação indicativa de 10 anos. Sejamos sinceros, no Brasil,

esta classificação indicativa não diz nada. Basta os pais deixarem seus filhos à vontade para assistirem a estes filmes. So-
mem isso ao fato de que *Malévola* ainda faz parte de uma gama de personagens infantis.

O que acontece com uma criança que ainda não possui a clareza em relação ao que é bom e ao que é mau assistindo à perspectiva de uma vilã relativizando seus atos?

Creio que devemos tomar muito cuidado com esta relativização para não invertermos valores.

O BEM é BOM; O MAL é MAU. Ponto final.

**PARTICIPE DE NOSSA
EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO!**

**6 ANOS DE
VARAL DO BRASIL!**

TEMA LIVRE

**Envie seus textos para:
varaldobrasil@gmail.com**



DICAS DE PORTUGUÊS

COM

Renata Carone Sborgia

Extravagante é ter o coração aconchegante. Ousadia é deixar o amor acontecer. Sensualidade é degustar o cenário, ao acaso, com a lua e a estrela, numa, noite, sentirem o aroma no ar. O resto??? A imaginação é criativa o suficiente para os desejos. ----- trecho/crônica/Renata Carone Sborgia

Maria não “**pára**” de chorar.

Com a grafia escrita de forma incorreta (segundo o Novo Acordo Ortográfico) continuará chorando!!!

O correto é: **para**

Regra fácil: Segundo a Nova Grafia, não se acentuam mais certos substantivos e formas verbais para distingui-los graficamente de outras palavras como o **para (verbo)** do **para (preposição)**. Use-se o **para**.

Ex.: Vou **para (preposição)** casa.

Ela não **pára (verbo)** de falar.

O computador queimou. O “**pára-raios**” não funcionou no momento oportuno.

Com a grafia incorreta... não funcionaria mesmo!!!

O correto é : **para-raios (sem acento no para)**

Regra fácil: Aplica-se também as palavras compostas esta regra , conforme a Nova grafia: não se acentuam mais certos substantivos e formas verbais para distingui-los graficamente de outras palavras como o **para (verbo)** do **para (preposição)**. Use-se o **para**.

Ex.: **para-brisa, para-raios**

Pedro “**pode**” participar da corrida realizada na rua ontem.

Pedro terá que “**correr**” com os estudos também da Nova Grafia!!!

O correto é: **pôde**

Regra fácil: A Nova Grafia não alterou os acentos do verbo **PÔR** e da forma do pretérito perfeito (passado) do **pôde**.

(Segue)

OBS.: Permanece o acento diferencial em **pôde/pode**. **Pôde** é a forma do passado do verbo poder (pretérito perfeito do indicativo), na 3ª pessoa do singular. **Pode** é a forma do presente do indicativo, na 3ª pessoa do singular.

Exemplo: Ontem, ele não **pôde** sair mais cedo, mas hoje ele **pode**.

PARA VOCÊ PENSAR:

...não me importo com a escolha do credo, se está com patuá, se preferiu ofertar flores para lemanjá. Não me importo com qual religião que tu estás, amigo. Não se importe com a minha. Tenho uma maneira peculiar de crer: preciso ficar desnudada, liberta e num silêncio meu. Só assim consegui me encontrar com a fé, com o meu credo, com o que me deixa em pé para prosseguir a caminhada com foco ou após os desfocos que a vida nos dá sem nos avisar. Foi assim: acreditei em todas as fés. E digo mais sobre a minha: tocou o meu coração, me deu força para continuar na alegria ou tristeza. Fiz a minha religião para prosseguir com o sorriso--em primeira instância porque me faz bem---que possa chegar no próximo sutilmente...e tocá-lo. Foi assim, meu amigo, uma maneira doce de ouvir e ficar todos os dias da jornada com Deus. --- trecho/crônica/publicada/Renata Carone Sborgia



Sou professora

Por Maria Delboni

A palavra professor, tem hoje uma conotação diferente. O mesmo significante, o mesmo significado, mas conotações diversas para o contexto atual. O respeito que a profissão requisitava não é o mesmo – ser professor hoje é não ter status, nem remuneração suficiente.

Sou de uma geração em que se cobrava respeito, e mais, admiração ao professor. Professor não era apenas aquele que ensinava, que detinha o conhecimento, antes, sobretudo, era pessoa de destaque e respeito na sociedade. Era a pessoa a quem se podia perguntar, questionar para elucidar qualquer dúvida pertinente ou não à sua área, isto porque o seu universo era os livros. Por ter um salário suficiente, ele não precisava ter três horários de trabalho, ou fazer “bicos” para completar sua renda, e por isso tinha condições de se dedicar ao conhecimento – à leitura.

Foi fazendo leituras que decidi ser professora. Cresci em uma cidade interiorana numa época de poucas atividades culturais, pouca distração para o corpo e o espírito, mas onde abundavam os livros, nas escolas e nas casa de cada um de nós adolescentes, ávidos pela leitura do mundo e pelo próprio saber que não se encontrava nos livros.

Costumávamos nos reunir após as aulas para conversas informais, troca de experiências e por puro prazer da companhia. Lembro-me de que em uma dessas situações, fumando um cigarro mentolado que passava de boca em boca – pasmem-se era chique e elegante fumar nesta época. Contudo era época de vacas magras para qualquer adolescente, assim que a iguaria era rara e minguada, por isso o

compartilhar. Enquanto fumávamos inventávamos brincadeiras. Lembro-me de uma delas porque foi marcante.

Estávamos a brincar com uma caixa de fósforo da marca “Granada” e um amigo disse:

– Dê-me esta caixa vou contar-lhes uma história, e manuseando a caixa começou:

– Eu tinha uma namorada que se chamava Ana. E com dois dedos de suas mãos encobriu o início e o final da palavra “Granada”, deixando visível no meio, o nome ANA . Continuou:

– Terminamos por causa da Ada. E tampando o começo da palavra Granada deixou visível – ADA.

– Porque eu pensava que ela tinha grana. E escondeu outra vez os finais de ‘granada”, mostrando a palavra GRANA. E terminou:

–Fui ver, ela não tinha “nada”. Outra vez escondeu o início da palavra mostrando a palavra NA-DA.

Rindo ele falou:

– É uma bricadeirinha, mas sabe o que vocês viram ? Uma das formas de formação das palavras da língua Portuguesa chama-se derivação. A palavra Granada é formada por Prefixo e sufixo partindo de um radical “ANA” . Veja que ela pode formar com auxílio de um prefixo a palavra “Grana” com um sufixo resultando “nada”, mas existem palavras que são formadas de uma só vez isto é, não admitem a colocação de um radical e depois um sufixo, elas tem sim, em sua formação o prefixo e o sufixo mas que foram anexados de uma vez, ao mesmo tempo, como por exemplo “empobrecer”, não existe “EMPOBRE” ou “POBRECER” E isto tem nome, e pomposo – PARASSÍNTESE” (Segue)

Aula de Português?

Claro que sim. E naquele exato momento, vendo os olhos abertos e os queixos caídos de todos, decidi: vou ser professora.

E aqui estou – professora.

Passei por momentos como esses, lindos, onde o que eu tinha para compartilhar despertou curiosidades e admiração; onde o respeito e o amor estiveram presentes; onde ensinei e muito aprendi. Hoje em balanço, o meu saldo é positivo no que diz respeito à satisfação pessoal e ao dever cumprido, mas fica sempre alguma coisa a incomodar: é aquela sensação de que o professor poderia ser melhor valorizado, respeitado – amado? Seria pedir demais.

É assombrador as reações de segmentos da sociedade quando os professores, em manifestações públicas por reivindicações de seus direitos, são desrespeitados e agredidos – e como se instala o caos! O que é isto?

Exemplo é fundamental para a educação. A aprendizagem é muito mais eficaz quando se processa usando ao mesmo tempo os olhos e ouvidos. Que estamos mostrando às nossas crianças? Devemos mostrar que o direito, não é seu, que

não é para ser praticado, e que é preciso brigar por ele? Que a força é o instrumento da justiça? Que educação é esta? Que valores são estes?

É preciso repensar. De que estofo se fará o novo professor?

Magistério não deve ser sacrifício, algo deve ser feito e com muito imediatismo para que não se perca esta figura maravilhosa do professor, e que ele mesmo não se perca neste imbróglio em que o sistema o está colocando.

RESPIRAR

Por Jacqueline Aisenman

Respirar fundo, puxar o ar bem para dentro do peito
soltar, soltar, soltar... deixar o ar livre e solto
em auras de liberdade envolto.

Inspirar, expirar, inspirar, expirar... é tudo tão perfeito
e assim a vida inalada preenche o corpo
e dele retira todo e qualquer torpor...

Respirar parece tão comum.

O ato de respirar é divino.

Imagem by Arafairie



SONHOS

Por Ceres Marylise Rebouças

Através dos sentimentos resguardados,
Vemos tão claro que quase é impossível
Crer que tudo não passa de um sonho.

Na verdade, sonhamos acordados
Porque ele nos leva a algum lugar
Que não é nosso e nada conhecemos.

Os olhos fechados nos transportam
Ao refúgio do que somos nesta vida
E ali ficamos sem que alguém nos siga.

Não há palavras, somente o pensamento
Que nos conduz sem se importar com o tempo
Porque não há idade para os sonhos:

Não são dias, não são meses, não são anos,
Que decidem nossas vidas, nossos planos,
Porque sonhando, sempre persistimos

Em reter essa emoção por mais instantes
Na fumaça de um cigarro que fumamos,
E com ela, toda a trama desse sonho.



O GÊNIO DE CADA UM

Por Isabel C S Vargas

O homem é um ser desejante. Tem sonhos desde a mais tenra idade e são estes sonhos que os impulsionam para realizações.

A despeito disso, apesar da idade adulta e de realizações profícuas, ainda guardam em si desejos um tanto quanto infantis de ser alvo de uma grande experiência ou fortuna. Não fosse isso não se dedicariam a jogar incessantemente nos diversos tipos de loteria existente, visando tornarem-se ricos e passarem a ter uma vida encantada. Sim tudo isso envolve o mesmo encantamento dos sonhos e histórias infantis que tomaram contato na infância.

Por isso, histórias infantis cabem em qualquer época,

Assim como na atualidade existem muitas Alice perdidas no país das maravilhas, que nada mais são do que situações em que a vida as colocou e das quais não conseguem sair tal o emaranhado de situações novas, inusitadas, nunca vividas e para as quais não sabem a melhor decisão a tomar, há muito a história de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa deixou de ser história infantil, também. Se puxarmos por nossa memória relembremos o seriado de televisão que foi sucesso por vários anos no horário da tarde denominado Jeannie é um gênio. Foi sucesso infantil, adolescente e adulto. O gênio que saía da lâmpada era uma mulher, a Jeannie que além de ter o dom de satisfazer desejos, não raro muito atrapalhados, era linda, encantadora.

Na verdade, encontrar um gênio nada mais é do que um desejo de fugir do cotidiano, da luta diária, de fugir das limitações econômicas, das frustrações, das agruras de uma vida em que tudo é batalhado desde o amanhecer quando as pessoas devem enfrentar uma selva de pedra em busca do sustento familiar e no trajeto ainda se defrontam com a violência urbana, a falta de civilidade, tendo como pano de fundo um país desigual, onde os que deveriam ser exemplos de honestidade passam, em realidade, exemplos vergonhosos de falcatruas, de impunidade, de perversão e outros ilícitos, terminando tudo de modo a safarem-se da lei de uma forma acintosa à população.

O gênio da lâmpada representa o modo de ter facilmente atendidos desejos básicos e universais de uma vida melhor, mais digna e menos suada por todos.

Passar às pessoas que a vida não é feita de sonhos é tirar-lhes a mais remota esperança de realizações.



Sonhos e fantasias

Por Maria (Nilza) de Campos Lepre

Sonhar é viajar por um mundo imaginário. Repleto de ilusões, e desejos, quase sempre impossíveis.

Algumas vezes nos transformamos em um pássaro que acaba alçando altos voos.

Se durante esta viagem outras aves nos acompanhar, nosso voo seguirá tranquilo e feliz.

Entretanto, se formos atacados por uma ave de rapina saímos voando sem rumo e sem destino, somente tentando fugir das garras que podem nos dilacerar.

Neste caso acordamos com a com a sensação de que escapamos de grande perigo.

O coração fica acelerado, a respiração arfante como se realmente tivéssemos escapado de uma grande catástrofe. Chamamos estes sonhos de pesadelos.

É assim também na vida real, nem sempre somos acompanhados por pessoas do bem, sempre haverá alguma ave de rapina pronta a nos atacar.

É preciso estar sempre em alerta e confiar em Deus.

Depois de muitos sonhos me peguei fantasiando alguns fatos que foram desagradáveis durante minha vida.

Quando percebi os havia transformado em lindos quadros, varias aquarelas e belas esculturas.

Apreendi que podemos aproveitar tudo que a vida nos lega e absorver coisas boas e também as ruins; pois temos dentro de nós o dom de poder reciclá-las, temos em nosso ser o dom da fantasia.



Namoro Firme

Por Antonio Cabral Filho

Durante o dia todo,
Sonhamos um com o outro,
Somos o sonho um do outro,
E à noite nos comemos
Com a fome de comer sonhos,
Um nos braços do outro.



Tediário

Por Antonio Cabral Filho

Minha história
Tu sabes de cor,
Todo dia eu chego
Com meu cansaço de sempre
E te encontro cheia de amor
E teu beijo sempre mais quente
Me devolve as energias.
Aí a gente avalia o nosso dia
E chega à conclusão do dia anterior,
Que não tem nada de novo.
A gente janta e vai dormir
E de manhã te conto
Os sonhos malvados que tive contigo
E tu me contas os teus,
Então combinamos de realizá-los
À noite quando eu chegar.
Mas é como tu já sabes,
O meu dia foi pesado,
Eu chego arreado,
Sem poder dar-te carinho.
E dia após dia
Durante a nossa vida
É isso...
Até já decidimos dar um basta nisso e...
Ninguém sabe como
Quem sabe fugir
Para uma ilha distante
De tudo e de todos
E relaxar...

Quimera

Por Totonha lobo

O encontro foi casual. Ele aconteceu quando a porta do elevador se abriu, vindo da garagem. Ver não foi o pecado. Pecado foi arder de paixão. Imediatamente, tudo ficou confuso em sua cabeça. Nem conseguiu falar. Foi só um cumprimento rápido. Ele deve ter percebido o rubor e o tremor na voz. Ao descer jogou um beijo pelas pontas dos dedos. Ela continuou a subir. Ia à casa de uma amiga. Chegou a porta e nem apertou a campainha. Não sabia o que fora fazer ali. Voltou ao térreo e foi embora, zonza. Entrou num café. E aí começou a viver este amor e não mais conseguiu se libertar. Pediu um café, sempre olhando para a porta. De repente, resolveu. Acenou chamando-o e o mandou sentar. Ali ficou conversando sobre suas carências e alegria de tê-lo reencontrado. Imediatamente, aceita que ele ligue para ela. Dentro da bolsa pega um papel, escreve e lhe passa o número de seu telefone. Pouco depois, se levanta, se despede e vai para casa. No dia seguinte, vai às compras e o encontra na praça. Sentam-se no banco e relembram a praça onde namoravam; era outra. Relembram os beijos furtivos e as promessas. Falam dos amigos, dos pais. Alguns poucos amigos eles ainda encontram. Trocam notícias. Falam do distanciamento, falam de tudo e até que como se distraíram da vida e se fingiram felizes. Contaram as viagens, falaram do trabalho que tiveram nos anos que não se encontraram. Falaram dos mesmos receios, das mesmas infelicidades. Do medo de serem enganados outra vez. Concluíram que foram enganados e também enganaram. Continuaram se amando sem nunca mais terem se visto. De algum modo, um tinha notícia do outro. Falaram de um futuro cheio de dias felizes e esperançosos. Reviveriam os dias lindos da adolescência, tempo de corações límpidos e amorosos. Maravilhosas e alegres lembranças. Lá longe, no tempo, foram resgatar todas as recordações e não

paravam de falar. Falaram de um período da vida acontecida sem muitas alegrias; os olhos dela turvaram com as lágrimas. Teve tempos que pensaram em se matar. Pelos filhos se salvaram. Os filhos-chegaram à conclusão-, embora tenham sido concebidos sem amor, o amor por eles é o maior do mundo. Ficou arrepiada ao falar nos filhos. Arrependeu-se mesmo de pensar em ser feliz. Percebeu ter medo de ser feliz. Como queria ser feliz e agora se apavorava com tal possibilidade, ali com ele segurando sua mão e ela acariciando a dele. Enquanto trocavam lembranças, criavam fantasias sem controle. Ambos queriam mais. Ela imaginando um encontro que nunca tivera. Um encontro sigiloso. Encontro de amantes. Combinaram. Local onde ele passaria para pegá-la. Ela dizia ter que ser à luz do dia. No horário em que ela fosse às compras ou visitar alguma amiga. Isso não causaria estranheza a ninguém. Ele lhe dizia que o que ela quisesse ele aceitaria. E combinaram a primeira tarde. Um passeio pela estrada, também como nos tempos de adolescentes. Iriam viver todas as etapas que não aconteceram. Esqueceriam a idade e começariam tudo, tudo de novo. Ela já imaginava a roupa que colocaria. Levaria um chapéu, andariam de mãos dadas pelo campo sob o sol esquentando-os. Iriam até o riacho, onde uma vez foram pescar com toda turma e fizeram um lindo piquenique. Tudo que fosse lembrado eles reviveriam. Na imaginação voltaram a ser púberes como no dia que se conheceram.

O celular dela toca. Atende e diz para ele:

- É minha filha.

-Mamãe o que a senhora faz aí na praça, sentada há duas horas conversando sozinha? Outro dia fez isso no café. Está sentindo alguma coisa? Vou buscá-la. A dona da loja de tecidos ligou-me muito preocupada. Não saia daí.



GRAFITE, RAP, HIP-HOP: INCLUSÃO SOCIAL E CIDADANIA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Por Isadora Cristiana Alves da Silva

RESUMO: O ensino de língua portuguesa, embora tenha evoluído nos últimos anos, ainda apresenta muitas limitações, principalmente no que se refere ao ensino de leitura e de produção escrita. Dentro dessa perspectiva, este estudo é um recorte da Pesquisa, ainda em andamento, do Trabalho de Conclusão de Curso, e tem por objetivo discutir através da revisão da literatura, a relevância de um ensino de língua baseado em gêneros “marginalizados” como grafite e hap, que estão à margem da escola, não sendo muitas vezes valorizados ou legitimados por ela, mas que fazem parte do contexto social de muitos jovens vinculados às escolas públicas e apresentam um grande potencial didático.

Palavras-chave: Gêneros. Ensino. Escola.

Introdução

O ensino de Língua Portuguesa vem sendo alvo de diversos estudos ao longo dos anos, principalmente no que se refere a aspectos relacionados ao desempenho linguístico dos alunos e ao processo de ensino-aprendizagem de leitura e produção textual. Embora se reconheça que ocorreram mudanças no ensino, ainda é preciso que esse processo seja repensado, visto que o foco em muitos casos, ainda tem se direcionado para o estudo da gramática, do código linguístico e o texto tem

sido tomado como mero elemento para embasar esse estudo, e não como uma atividade de interação comunicativa que envolve aspectos linguísticos, sociais e cognitivos (BEAUGRANDE, 1999).

Embora as concepções de língua e de texto tenham evoluído de abordagens que tomavam a língua como sistema e a frase como menor unidade para o ensino de língua, para uma noção de língua em funcionamento e o texto como sendo elemento principal para embasar o ensino, segundo o que é defendido por vários teóricos, tais como Geraldi (1999), Reinaldo (2002), Soares (1998) e pelos Documentos Oficiais, como os PCNs (2002). Os desafios para operar de forma prática com esses direcionamentos ainda são grandes, e muitos docentes acabam embasando suas práticas em direcionamentos teórico-metodológicos que não favorecem uma aprendizagem significativa para os estudantes.

Ao analisar o percurso do ensino de língua portuguesa no Brasil é possível perceber que desde os anos 60 existe uma política educacional voltada para que cada vez mais alunos estejam matriculados e frequentem regularmente as escolas. A qualidade do ensino público deveria ter sido discussão de destaque em projetos de governo elaborados ao longo desses anos. Infelizmente, essa necessidade primeira das classes sociais populares ficou para segundo plano, resultando em péssimos índices de aprendizagem. Os alunos avançam em relação aos níveis de ensino e as séries, mas não em relação ao grau de aprendizagem.

Os conteúdos trabalhados pelo currículo tradicional estão distantes da realidade dos alunos, eles não identificam funções sociais em muitos dos conteúdos trabalhados. Decoram regras e conceitos, mas muitas vezes não sabem como aplicar e não os utilizam na prática cotidiana.

(Segue)

Dentro dessa perspectiva, este trabalho de conclusão de curso, propõe refletir sobre a relevância de um ensino de língua baseado na diversidade textual, no reconhecimento do grafite e hap como gêneros que podem e devem ser trabalhados em sala de aula. O trabalho com o texto em sala de aula é fundamental para o ensino-aprendizagem da língua, pois no texto é que a língua se apresenta de forma geral e ampla, seja como conjunto de formas linguísticas ou como discurso, refletindo uma relação intersubjetiva constituída na enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões (GERALDI, 1993).

O ensino de leitura e produção escrita deveria estar sempre voltado para o letramento, considerando relevante o contexto social das produções e os atores sociais envolvidos. Os documentos oficiais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002), cujo propósito é nortear a prática docente, defendem a importância de se considerar o texto como unidade básica para o ensino de língua e reforçam o quanto é necessário o contato com vários textos que existem extraescola e que podem e devem estar a serviço da expansão do conhecimento do aluno.

É necessário adotar uma postura diferente em relação aos métodos e à atuação do professor em sala de aula, o ensino de língua baseado apenas na estrutura linguística que parte da análise de frases isoladas, fora de contexto, não contribui para uma formação sólida, crítica e atuante em sociedade.

Pensar a produção escrita na perspectiva do letramento e da inclusão social nos leva a considerar a escola como uma agência de letramento, em que as práticas discursivas devem favorecer a construção e o exercício da cidadania plena (KLEIMAN, 1995). Ademais, é preciso considerar os multiletramentos existentes, para que a escola

possibilite que seus alunos participem das práticas sociais de uso da escrita de maneira ética, crítica e democrática (ROJO, 2009).

Frente a isso, devemos lançar novos olhares para o ensino brasileiro, principalmente, no que refere à leitura e produção textual. É preciso estabelecer novas bases para o futuro, à educação brasileira não deve ficar presa a metodologias e teorias lançadas a mais de quatro décadas atrás.

História da Educação brasileira e a Trajetória do Ensino de Língua Portuguesa

Levando em consideração a história da educação brasileira, bem como a trajetória do ensino de língua materna, podemos perceber que a manifestação de discursos voltados para o direito a uma educação de qualidade para todos é algo que vem perpassando décadas, muito embora, ainda não seja algo efetivado, pois como afirma Soares (1999), a escola que deveria ser para o povo, é antes contra o povo.

Por volta da década de 50, apenas tinham acesso à escola as classes de maior prestígio social e econômico, as classes populares só conquistaram esse direito após muitas lutas pela democratização do ensino. Na década de 60, a chamada democratização acontece de fato, as camadas populares da sociedade se inserem no contexto escolar, porém isso não foi suficiente para garantir esse direito. Os alunos adquiriram o direito à escolarização, ou seja, o direito de entrar na escola, mas não a cidadania escolar, os alunos entraram na escola, mas se deparam com um ensino que rejeitava as camadas populares, resultando em péssimos índices de aprendizagem e evasão, o que atestou o fracasso da escola frente a esses setores populares.

(Segue)

Nos anos 70, o ensino de língua que prevalecia nas escolas estava voltado apenas para um tratamento gramatical, estrutural e linguístico em frases. A disciplina que antes era chamada “Português” passa a se chamar “Comunicação e expressão”, nessa fase o objetivo era conceber a língua como um mecanismo de transmissão e recepção de informações.

Com o surgimento de linhas teóricas nos anos 80, como a Linguística Textual, a Sociolinguística, a Análise do Discurso e muitas outras abordagens não mais centradas no código, mas sim na linguagem como enunciação e discurso, mudanças teóricas consideráveis aconteceram no tratamento dado à língua. O texto passou a ser o elemento fundamental para o ensino, conforme apregoam os PCNs (2002) e a linguagem passou a ser considerada uma ação, uma prática social, cultural e histórica que envolve aspectos cognitivos e interacionais (MARCUSCHI, 2008).

Já na década de 90, houve a defesa de uma proposta de ensino centrada na perspectiva do letramento e dos gêneros discursivos, que enfatizando um trabalho com a diversidade textual e o desenvolvimento de situações autênticas de produção textual. O ensino deveria contemplar não apenas os gêneros clássicos do currículo tradicional, mas deveria valorizar os gêneros produzidos em situações reais de escrita fora da escola e que estivessem diretamente relacionados com a prática social dos alunos, não se restringindo apenas aos gêneros próprios do contexto escolar, que para muitos alunos não apresentam nenhuma função social.

Embora reconheçamos que, teoricamente, avanços ocorreram no processo de ensino-aprendizagem da língua, ainda é preciso que esse processo seja repensado na prática, principalmente no que se refere ao ensino da produção escrita.

Muitas vezes a prática docente orienta-se através de perspectivas que visam à imposição da escrita, ou de produções falseadas de texto. A noção de que o ensino de língua deve fundamentar-se em textos, é algo bastante consolidado na teoria, o problema não está no conhecimento ou na aceitação desta ideia, mas sim como o texto vem sendo trabalhado na prática (MARCUSCHI, 2008).

O letramento escolar tem apresentado inúmeras controvérsias, é o que Rojo (2009) chama de insucesso ou fracasso da escola no século XXI. A escola tende a impor aos alunos práticas didáticas ineficientes, que apenas fazem com que muitos alunos se distanciem dela e se sintam excluídos social e culturalmente.

O Relatório Preliminar do MEC, desenvolvido na reunião da Cúpula Mundial de Educação em Dakar no ano de 2000, no qual participaram 164 países, incluindo o Brasil, teve como objetivo estabelecer metas para a melhoria da educação até o ano de 2015. Os dados apresentados por ele apontam para um aumento no número de alunos matriculados entre essas datas. No que se refere à população de 15 a 17 anos entre 2001 e 2012, os indicadores apontam para um avanço de 81,1% para 84,2%.

O documento apresenta ainda um aumento na frequência escolar de pretos e pardos, de 78,9% em 2004 elevou-se para 82,5% em 2012. Já os números referentes à frequência das classes sociais mais vulneráveis, o que o relatório denominou de “pobres” também cresceram, de 93,9% em 2004 para 99,7% em 2012.

Esses dados mostram que, não há dúvida quanto à entrada ou presença dos alunos na escola, as pessoas estão cada vez mais se inserindo no contexto escolar, mas não conseguem aprender o mínimo necessário para aprovação e avanço nos níveis de ensino, muitos discentes se evadem ou

(Segue)

são reprovados várias vezes. A idade e as reprovações avançam, mas a aprendizagem não evolui.

Alguns podem até avançar nos níveis de ensino, mas não apresentam o domínio da leitura, escrita e operações matemáticas que é esperado e exigido, o que configura claramente um quadro de analfabetos funcionais. É o que também comprova os dados do PISA, Programa Internacional de Avaliação de Alunos (2012), grupo universal de avaliação de desempenho, regularizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento - OCDE – composta por 34 países, incluindo o Brasil, ao afirmar que o Brasil é um dos países que mais vem avançando em termos de educação básica, mas infelizmente ainda apresenta sérios problemas que o afastam do nível desejado e esperado. Ao analisarmos os dados de reprovações, verificamos uma inexpressiva redução de 2,7% de 2009 a 2012. O PISA alerta-nos para um dado bastante preocupante, o levantamento feito aponta que, o Brasil classifica-se como o terceiro país, dentre todos os selecionados para a edição de 2012, com maior índice de reprovações, com 40,1% em 2009 e 37,4% em 2012.

Outra realidade extremamente lamentável, expressa pelas pesquisas, é o não desenvolvimento das habilidades, como ler, escrever e interpretar textos compatíveis com o nível de escolaridade cursado. Apesar das constatações do Indicador de Alfabetismo Funcional - Inaf (2011) de que houve uma pequena redução de 12% no analfabetismo funcional entre os anos 2001 a 2011, ainda assim, os problemas persistem. Entre os alunos que estão cursando o ensino médio, foi possível constatar que apenas 35% deles se enquadram na categoria de Nível Pleno de Alfabetismo, os outros 57% ocupam a categoria de Nível Básico, quando, a maioria deveria chegar ao ensino médio dominando a categoria Plena.

De forma clara o Inaf defende que, se de fato não forem feitos investimentos para melhorar a educação básica, de nada adiantará as estratégias para manter os alunos na escola. Os alunos avançam nas etapas educacionais, mas não desfrutam de condições adequadas para alcançarem os níveis mais altos de alfabetismo. A busca para garantir a qualidade da educação escolar em especial nos sistemas públicos de ensino deve ser igual aos esforços feitos para ampliar o acesso às escolas, garantindo efetivamente o direito à aprendizagem (INAF, 2011)

Levando em consideração o contexto de nossas salas de aula hoje, após décadas da então chamada “democratização do ensino”, reconhecemos que os avanços não foram significativos. As escolas apresentam uma grande diversidade de identidades, os alunos são provenientes de contextos sociais diferentes, cada discente apresenta características específicas que deveriam ser consideradas na elaboração do currículo escolar, que deveria contemplar conteúdos próprios da realidade dos alunos e não distantes.

As Contribuições do Grafite e Rap no Contexto Escolar

Os novos e relevantes estudos acerca dos letramentos, desenvolvido por (Street, 1984), apontam para a existência de diversas práticas sociais de leitura, escrita e uso da linguagem, o que ele chamou de *letramentos múltiplos*, ou seja, a multiplicidade de práticas de letramento presentes em diferentes âmbitos da sociedade e a multiculturalidade, ou, diferentes culturas vivendo essas práticas também de formas diferentes (ROJO, 2009).

(Segue)

Dentro dessa abordagem, Rojo (2009) ressalta a existência de letramentos dominantes, valorizados legal e culturalmente, diretamente ligados a instituições formais como a escola, a igreja, e os letramentos “marginalizados” que são regidos por organizações sociais originárias da vida cotidiana, mas ignorados pela cultura oficial.

Sendo assim, é preciso considerar que a escola muitas vezes apresenta situações de conflitos entre as práticas letradas valorizadas e não valorizadas Rojo (2009) legitimando apenas alguns letramentos, enquanto outros não conquistam um espaço legítimo e não são valorizados por ela, esses letramentos deveriam ser contemplados de forma conjunta e não configurar uma relação de oposição.

[...] a escola de hoje é um universo onde convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares e autônomos, sempre em contato e em conflito, sendo alguns rejeitados ou ignorados e apagados e outros constantemente enfatizados (ROJO, 2009, p. 106-107).

Tomando também como base a definição de Letramentos Multissemióticos de Rojo (2009) que não contempla apenas a escrita, considerando a ampliação da noção de letramentos para o campo da imagem, da música, e de outras semioses, e a noção de letramentos como um conjunto de práticas sociais que fazem uso da escrita em contextos específicos (KLEIMAN, 1995), selecionamos para essa reflexão os gêneros grafite e rap, a partir da abordagem sociorretórica, segundo Bazerman

(2006a) que considera o texto como uma ação de linguagem que se materializa em gêneros (MARCUSCHI, 2008) e desempenha funções sociais em esferas discursivas específicas.

Tomando como base também as relevantes contribuições de Miller (2012) que concebe os gêneros não mais a partir de noções tradicionais, que o definiam como meros padrões de textos, mas sim como ações sociais realizadas para se atingir objetivos. As considerações de Bazerman (2006a) convergem bastante com o que propõe Miller, ao afirmar que a concepção de gênero vai muito além da abordagem estrutural, são formas de vida, modos de ser. Eles são enquadres para a ação social (BAZERMAN, 2006b).

No que se refere ao grafite, que é um dos objetos de estudo dessa pesquisa, o reconhecemos como um texto multissemiótico, que apresenta a linguagem verbal e não verbal, sendo também multimodal, que expõe inúmeras linguagens através da associação de imagens com palavras. Os grafiteiros expressam suas opiniões, pensamentos e sentimentos através de pinturas em paredes ou fachadas.

O grafite se caracteriza, esteticamente, pelo uso de ícones, símbolos e signos. Desenhos urbanos [...] feitos com o auxílio do spray. É um gênero textual que tem como suporte monumentos públicos, pontes, camisetas, viadutos, e edifícios. (Gomes, 2013, p. 125).

Inicialmente, o grafite foi visto sob a perspectiva preconceituosa de muitos, ao confundir-lo como uma prática criminosa que denegria e destruía a paisagem urbana.

(Segue)

Diversos grafiteiros foram vítimas de violência e perseguidos por não serem compreendidos e não terem sua arte legitimada. Embora hoje tenha conquistado um pequeno espaço de reconhecimento no mundo da arte, ainda são grandes os desafios a serem vencidos, principalmente no que se refere aos preconceitos de muitos, que ainda o concebem como uma arte infratora.

Pensar na função social do grafite, é reconhecê-lo como uma arte própria do movimento cultural hip-hop em contextos periféricos, que difunde ideais de resistência, luta por igualdade racial e social, democracia, justiça e liberdade de expressão. O hip-hop representa as manifestações, produções da cultura do negro, do marginalizado, criando, ressignificando e reinventando os usos sociais da linguagem, reivindicando o reconhecimento e a valorização desses letramentos, dessas práticas legítimas de uso da linguagem, buscando superar os preconceitos existentes, principalmente pelo ensino formal, o que segundo Souza (2011) seria uma nova categoria de letramento os **“letramentos de reexistência”**.

Tais práticas de letramentos estão voltadas para a concretude da vida dos ativistas, relacionando-se às questões culturais e políticas e visando, de alguma maneira, ampliar suas possibilidades de inserção em um lugar de crítica, contestação e de subversão, no qual, como sujeitos de direitos e produtores de conhecimentos, possam forjar nesses espaços e atuar dentro e fora da comunidade em que vivem. Inserir-se nesses lugares provoca a inscrição em um complexo rede de relações sociais, na qual, por meio dos discursos, negociam-se a ocupação e a sustentação de formas de participação social comprometidas com as transformações das relações sociais e raciais. (SOUZA, 2011, p.17)

No que se refere ao rap, gênero textual também próprio da cultura hip-hop, nele a poesia é cantada, explora temáticas que envolvem preconceito, discriminação, racismo, violência e desigualdades sociais. O Rap envolve a participação de um MC, pessoa encarregada de produzir, escrever e cantar o Rap, e o DJ que possibilita que a poesia cantada seja também acompanhada de um tom musical. O gênero contempla sempre várias linguagens, envolvendo leitura, escrita, música, dança, estabelecendo uma identidade comum a um grupo social que compartilha os mesmos costumes, moda, cultura e valores.

Trabalhar o rap em sala de aula é contribuir efetivamente para a inclusão social e para a cidadania dentro e fora do espaço escolar, pois ao explorar esses conteúdos que são próprios e próximos das práticas sociais e culturais que muitos alunos estão inseridos, garante uma educação muito mais real e significativa, pois os alunos irão se identificar, encontrar um sentido concreto e cotidiano nos conteúdos trabalhados.

O Movimento Cultural Hip-hop

Hip-hop é uma expressão inglesa que significa *“balançar o quadril”*, o movimento cultural compreende outras várias manifestações culturais como o Grafite, a dança, também chamada de *break dance* e o Rap. É formado pelos MCs, produtores da poesia cantada, o DJ que dar o tom musical ao rap, o B.Boy ou a B.Girl, dançarinos da chamada *“dança de rua”* e expressam seu valores através da linguagem corporal.

(Segue).

Existem diferentes abordagens de como surgiu o movimento hip-hop, mas segundo Souza (2011) esse movimento surgiu nos subúrbios de Nova York na década de 70 e se disseminou nas grandes cidades do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro nos anos 1980. Para a autora o hip-hop representa um movimento cultural próprio da diáspora negra, que através da musicalidade, linguagem do corpo e da arte, fortalece uma grande luta pelo respeito, valorização cultural e racial, além de representar a reivindicação contra a violência, miséria, preconceito e discriminação.

O hip-hop eclode no Brasil em uma época marcada pelo fim de um longo período de ditadura militar, no qual a população se organizava em manifestações pelas ruas, reivindicando seus direitos como cidadãos, lutavam por melhores condições de vida, como igualdade social e oportunidades de emprego para todos.

O hip-hop tornou-se um movimento de massa, que na época juntamente com outros movimentos sociais, como o Movimento Negro Unificado - MNU reverberavam discursos de luta e resistência contra o racismo e lutavam pela democracia racial e social. O objetivo desses movimentos era e ainda é dar voz ao negro, ao pobre e ao marginalizado, a função social deles vai muito além de ser apenas uma manifestação artística puramente estética. Como defende Souza (2011), é antes uma forma de vida e de expressão que utiliza lugares públicos como espaços de práticas sociais e culturais.

Considerações Finais

A relevância deste estudo que vem se unir à literatura em defesa da abordagem desses gêneros em sala de aula, consiste também no reconhe-

cimento e ampliação de outros discursos que também produzem conhecimento fora da escola, despertando o prazer, o interesse dos alunos em atividades que estão diretamente relacionadas ao contexto social, à cultura e a bagagem de conhecimento que cada aluno traz para a escola.

Atualmente, mais do que em qualquer outra época, se faz necessário e urgente repensar sobre a qualidade da educação brasileira. Se nos anos 60 a educação operava sob uma perspectiva quantitativa, ou seja, o objetivo estabelecido era garantir de forma obrigatória e gratuita o maior número de escolas possíveis para a população, infelizmente a preocupação com questões relacionadas à qualidade da educação, como questões ligadas a formação do professor e reformas curriculares e metodológicas não eram enfatizadas e ainda hoje não são.

Essa reflexão poderá contribuir para avanços da educação brasileira, buscando mostrar a importância de se trabalhar no ensino de língua, os gêneros grafite e rap, cuja função social aproxima-se consideravelmente do contexto social, cultural e das diversas práticas letradas e legítimas que existem extraescola e que os alunos podem estar inseridos e por vezes até atuam nelas como agentes protagonistas.

É preciso tentar superar a existência de uma escola contestada (SOUZA, 2011) ainda presa aos mesmos métodos tradicionais de ensino e que não se abre para novas propostas, novas teorias. O ensino não pode ficar restrito apenas às tradições e conveniências, operando sempre com o mesmo perfil curricular. Está mais do que na hora da escola sair da “zona de conforto” (GOMES, 2013) e encarar a complexidade do mundo que existe fora dela.

(Segue)

Nesse sentido, a discussão feita representa uma possibilidade para se eliminar todos os preconceitos existentes na sociedade e no espaço escolar, assim a escola estará de fato aberta a receber as diversas culturas e a dialogar com negros e brancos, pobres e ricos. Além de dar ao ensino uma dimensão social e política, estabelecendo uma relação direta entre língua e cidadania, escola e sociedade (ANTUNES, 2006), contemplando também abordagens de conteúdos transversais que corroboram para uma formação cidadã, que deveria ser o objetivo maior da escola (GOMES, 2013).

Referências

ANTUNES, Irandé. Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEM, Clécio; MENDONÇA, Márcia. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

BAZERMAN, C. **Gênero agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006b.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2006a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Relatório Educação para todos no Brasil 2000-2015 Versão Preliminar**. Brasília-DF, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN+Ensino Médio: Orientações Curriculares Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: SEMTEC/MEC, 2002.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GOMES, Jaciara Josefa. O gênero grafite no ensino médio. In: BUZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 119-134.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **PISA 2012: Programa Internacional de Avaliação de Alunos** - Relatório Nacio-

nal. Apresentação. Brasília, 2012. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2014/relato-rio_nacional_pisa_2012_resultados_brasileiros.pdf>

Acesso em: 25 dez. 2014.

Instituto Paulo Montenegro/Ação Educativa. **Indicador de Analfabetismo Funcional: principais resultados. INAF/Brasil**. São Paulo: 2011. Disponível em: http://www.ipm.org.br/download/informe_resultados_inaf2011_versao%20final_12072012b.pdf. Acesso em: 15 jan. 2015.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramentos e as práticas de alfabetização na escola. In: ROJO, Roxane. (org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola Editorial; Recife: EDUFPE, 2012.

REINALDO, Maria Augusta de Macedo. A Orientação para Produção de Texto. In: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

Rojo, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo, Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda B. Concepções de linguagem e o ensino de língua portuguesa. In: BASTOS, N. B. (org.). **Língua portuguesa: história, perspectivas, ensino**. São Paulo, Educ, 1998.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1999.

Souza, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de resistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop**. São Paulo: Parábola, 2011.

Street, B. **Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento, desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Minha estrada

Marlene B. Cerviglieri

Segui o meu caminho,
Não sei se por estradas
Certas, ou tortas.

Montei meus sonhos,
E fui indo atrás de cada um!
Mesmo em direções opostas.

Procurei seguir o objetivo principal,
Fui flexível
E às vezes até demais!

Perdi alguns sonhos
E até um dos maiores que tive!
Entreguei tudo, dei amor,
Criei, vi crescer as arvores que plantei!
Vi a vida passar...

Em meu caminho agora,
Vejo as estradas encurtarem,
Os sonhos vão ficando difíceis
De se realizarem,
Más persistem em minha alma a sonhar!

Sonhar me faz sentir viva,
E quem sabe ainda os poderei realizar
Nesta ânsia contínua de viver e amar!



Sobre Maneka Pedreira

Por Germano Machado

Em dezembro, próximo vindouro, exatamente na data do natal de Cristo, 25, em 1889, nasce nesta Cidade do Salvador um homem singular, um daqueles que Thomas Carlyle chamava de grandes homens. Um homem singular, não por atos e fatos políticos, mas pela sua própria personalidade. Manoel Rodrigues Pedreira, comumente conhecido por tantos como Maneka Pedreira, sua família através de seus filhos destacando Gilberto Pedreira advogado e ligado nos anos 60 a justiça na Prefeitura e outro filho Mario comerciante. Maneka Pedreira foi o maior incentivador para criação do Espaço Cultural CEPA – Círculo de Estudo Pensamento e Ação de que foi e é Presidente de Honra, não o devemos esquecer e fazer com que as novas gerações saibam quem foi essa personalidade. Este homem, casado com uma Gordilho, dona Angélica que sobreviveu em gloriosa e amorosa velhice, agora falecida. Filha de um dos ricos da Bahia de então, Maneka Pedreira era da Companhia Aliança da Bahia, criada por seu pai, foi humanista, erudito e loquaz, inteligência do coração e coração de sensibilidade, ferido embora pelo destino, ou melhor, pela Providência, perdeu umas das pernas paralisando-se. Paralítico, assim na parte do corpo, teve uma alma movida e movente cheia de amor, energia, desprendimento, acolhimento aos que os procurassem, do mais rico ao mais pobre. Conheci-o em 1951, através do polêmico jornalista Carlos Lacerda, comissão jornalística e política em nosso meio. Dissera-me Lacerda que era um presente a me oferecer em promoções de atividades nos então meios universitários e políticos. No seu solar, na Boa Viagem, quase dentro do mar, cercado de centenas e centenas de livros e objetos raros, Maneka recebia um idealista do teatro como Nair da Costa e Silva,

hoje tão esquecida, ou um Valdemar Oliveira, um Carlos Lacerda ou um Ademar de Barros, um jovem Bispo como futuro Cardeal Dom Avelar, ou missionários do alto sertão, um antigo Senador Pedro Lago, de quando em quando Octavio Mangabeira. Stefan Zweig, um Monteiro Lobato e Adroaldo Ribeiro Costa homem de teatro e do jornal A Tarde, recebia igualmente homens de negócios e capitalistas e moços estudantes, idealista de todo tipo. Entre 1951 e o fim de 1957 quando morreu, frequentei-lhe a casa semanalmente, inclusive com minha noiva e depois esposa Miriam Ribeiro Machado. Transmitia fé, coragem e esperança, um lutador, um participante muito do que aprendi de literatura, filosofia, ruismo, política contada e exemplificada valeu por toda uma vida. Lia, traduzia, indicava obras, mostrava revistas e livros que recebia do estrangeiro, sobretudo nos Estados Unidos, recitava trechos de Karl Marx e Engels, a poesia de Brecht, falava e mostrava cartas que recebera de Rui Barbosa. Sabia de cor trechos e trechos do que há de melhor na Literatura brasileira e universal, plenificando a conversa com simplicidade encantadora, com humor em meio a noites repletas de sofrimento que só vim a saber e perceber com o tempo. Escrevi-lhe, um pobre rapaz idealista, e mandou-me cartas que conservo, de uma beleza indescritível. Ainda doente em 21 de dezembro daquele ano, não esqueceu com finezas pessoais “aquele casal de judeus”, como delicadamente me chamava e a Miriam. Contou trechos e trechos de sua vida, do que acontecera da doença, do drama que se lhe gravou na Alma com a perda da perna, a tentação que o dominou e como sublimou, servindo e sendo bom. Como o Senhor, passou pela terra fazendo bem. Falava-me dos filhos, dos jogos de botão, do tipo de cada um. Não era, porém, íntimo; dava-se por bondade, mas reservava o seu eu profundo e dilacerado, por tantas provações. Não era um chorão, não cultivava a piedade de si mesmo, sempre alegre, feliz, risonho, brincalhão. Nunca o vi zangado, nem demonstrar sofrimento. (Segue)

Poderia ter sido o sucessor do pai, na Companhia Aliança da Bahia, das maiores empresas do Brasil, mas apesar de toda esta dolorosidade não era um frustrado, um sentido ou ressentido, alguém que sofre a perda de bens de alto porte. Ruy Simões, que o conheceu, escreveu um artigo : “ Meu tipo inesquecível”. As delicadezas de sua alma desconcertavam: convidando-o para inauguração da sede do CEPA, na saúde, não poderia comparecer, mandou-nos uma carta, escusando-se pela ausência, seguindo-se a oferta de flores e doces finos! Era demais. Só as cartas que lhe escrevi e as respostas poderiam dar a dimensão daquele espírito nobre, nobre e altamente humanitário. Comparei-o em carta à ficção do Padre Perrault, O Monge do Paraíso Perdido, comparei-o a Erasmo, comparei-o a um humanista, legítimo cristão ou que amava, foi toda uma época, a do auge do capitalismo, tinha as qualidades de um burguês, mas poucos terão sido tão socialistas como Maneka Pedreira. Recebia comunistas, falando-lhes de igual para igual, pois conhecia toda literatura marxista, leninista e, ainda de Gramsci, então uma novidade. Mão aberta, coração de gigante, alma nobre: um Mahatma Gandhi, brasileiro – baiano. Chorei-lhe a morte sentidamente, senti-me como filho, um filho mesmo de Manoel Rodrigues Pedreira, o velho inesquecível Maneka. Escrevi um artigo sobre ele, na Tribuna da Imprensa, que Lacerda mandou diretamente para dona Angélica. Tudo que escrevi é de uma palidez total, pois Maneka Pedreira foi a grande surpresa na minha vida e na vida de tantos. Que dizer mais? Impossível. Agora só o silêncio poderá explicar: Mas o silêncio é indemonstrável.



PARTICIPE!

Participe de nossa edição de aniversário: 6 anos de Varal do Brasil!

Envie seu texto até 25 de setembro com tema livre para o e-mail

varaldobrasil@gmail.com



Participe de nossa edição especial de Natal e Ano Novo!

Envie seu texto até 15 de novembro para o e-mail

varaldobrasil@gmail.com com seu texto falando sobre Natal e/ou Ano Novo!



[en.sina]

Por Andréa Mascarenhas

ao alcance
da retina
renda
trama sombras

neblina
se faz autora
de autônomas
sensações

amanh.essências
não dormem

centelhas de luz
fogem
ao silêncio
ao trágico registro das horas

cadência d'estrelas
emocionam
orvalhos
que choram
barrocas folhagens

da janela tecnológica
mundos inauguram movimento
arquitetado em belezas matemáticas
na ponta
da soma
do olho técnico
seriado

algoritmos
incitam lirismos
e errâncias
certeiras

unidades nano
registros flashes
carta aberta
à fruição

modelagens
fotogramas

horizontes em construção
sopros reservados ao leu: percepções

mundos invisíveis
à espreita
aguardam
em festa pronta
nossos olhos acordarem

ensina
foto.a.foto
caçada de mini.mundos
retratos de singeleza

firmamento
à disposição
horas a preencher
com recortes d'encant.ação



BACALHAU AO FORNO

Deixe o bacalhau de molho por 24 horas mudando sempre a água.

Escalde numa rápida fervura removendo peles e espinhas.

Coe a água onde o bacalhau foi cozido e reserve.

Tempere o bacalhau em lasquinhas, com alho, sal e coentro.

À parte, coloque uma caçarola no fogo com azeite de oliva e as cebolas em rodelas.

Adicione os tomates sem pele e sem sementes, o pimentão e as azeitonas picadas.

Junte o bacalhau, o extrato de tomate, o leite de coco e um pouco da água onde foi cozido o bacalhau.

Deixe tudo cozinhar bastante.

Fica com farto molho.

Prove para ver se o sal está a gosto.

Cozinhe as batatas e as cenouras em rodelas.

MOLHO

Bata no liquidificador o leite, o trigo e a manteiga derretida.

Leve ao fogo e mexa bastante até engrossar a mistura.

Finalmente, junte o creme de leite, a noz-moscada, a pimenta-do-reino, o sal e o ovo batido.

Unte um pirex grande com azeite depois de ter esfregado por dentro dele um dente de alho.

Deixa um gosto bom.

Arrume em camadas alternadas o bacalhau, a batata e a cenoura.

Cubra tudo com molho e leve ao forno para gratinar.

Ao sair do forno, enfeite com azeitonas e salsa.

Sirva com arroz branco.

Fonte: <http://www.mytaste.com.br/>



O VOO DA BORBOLETA

Por Raphael Reys

Sempre, antes de adormecer, vinham-me à mente, cenas de combate de samurais, no Japão feudal. Naquela noite, ocorreu uma forte impressão de já ter vivido em Kioto, no período Edo. Época do grande espadachim Musashi.

Pesquei uma grande piaba no rio do sono e me vi saindo do corpo e volitando até um local montanhoso e, finalmente, chegando a uma aldeia rural. Tudo muito real.

Sentia o vento, o chão, os objetos, as pessoas. Súbito, uma mulher pegou-me pela mão. Era minha mãe. Conduziu-me até a academia do mestre Fuyama, à qual fui entregue.

Com dez anos de idade, fui aceito como iniciante na escola. A ordem secreta dos samurais daquela região. Anos de treinamento intenso, de dedicação integral e, ao completar os dezesseis, fui elevado prematuramente ao grau de mestre.

Lembro-me do ciúme de colegas; algumas intrigas, logo esclarecidas pelo mestre e a minha total dedicação à filosofia do Bushidô.

A intuição, no entanto, prevenia-me quanto à possibilidade de alguma armadilha. Indicava-me na direção do mestre o que me recusei, a princípio, a aceitar.

Prossegui no treinamento de espadas, até ser lançado só, em treinamento avançado, contra grupos de combatentes.

Havia chegado ao sétimo grau, à maestria em combate físico. Logo recebi a iniciação dos quatro elementos.

A cerimônia foi realizada em segredo. Entretanto, a informação vazou, provocando ódio entre os demais discípulos; quando deveria haver amor fraternal.

Aproximava-se a época das grandes festividades em Tóquio, onde, anualmente, era coroado um mestre de escola. Campeão dos campeões. Segundo as lendas, muitos guerreiros, se perderam moral e filosoficamente.

Buscando chegar ao primeiro colocado nos combates.

Fuyama mostrava-se nervoso.

Certo dia chamou-me e iniciou um treinamento reservado de oito meses, preparando-me para uma viagem. A missão proposta era observar e analisar os diversos mestres das regiões, inscritos no torneio.

Finda a experiência, deveria retornar para relatar-lhe os fatos referentes às técnicas de combate de cada um. Para que ele se beneficiasse na disputa.

O mestre desconhecia o fato de eu estar treinando sozinho com o velho mestre Ym, que morava no lago Ji. Ele havia me instruído na psicologia dos combatentes.

Confidenciou-me que no oitavo grau, receberia dele, segundo mérito, o golpe do voo da borboleta.

Revelado apenas aos iniciados elevados. Quando aplicado, seria fatal ao combatente que estivesse enfrentando.

(Segue)

Escondido na mata, eu observava o mestre Ym, que era um policial a serviço da corte. No seu ofício da lei. Dando combate aos salteadores de estrada e saqueadores.

Todos morriam ante a sua técnica.

Fuyama instruiu-me a viajar e desafiar cada um dos dez futuros lutadores, que combateriam no festival. Advertiu-me que, no curso do combate, declinasse e pedisse perdão ao elevado, encerrando assim a disputa.

Em seguida relatasse a ele suas técnicas.

Na prática do combate em campo ao enfrentá-los, não me perdoaram. Já que eram mestres sem iniciação filosófica.

Conseqüentemente dei combate até o fim, eliminando a todos. Um após o outro.

Aplicando o golpe do voo da borboleta!

Ao me retornar, Fuyama; já tendo recebido notícias do meu sucesso, preparou uma armadilha com quinze chelas. Venci a todos em combate normal. Havia atingido a maestria como samurai.

O mestre, descontrolado, enfrentou-me, desafiando-me a aplicar nele o golpe do vôo da borboleta.

Olhando nos seus olhos, mostrei-lhe a naquinata curta e disse-lhe que a lançaria como um bumerangue. Enquanto o atacasse, a arma faria uma curva de 360 graus, quando lhe penetraria pelas costas.

Lancei a espada auxiliar e ataquei. Ele, acreditando, desviou os olhos para acompanhar a trajetória da arma. Pequei-o de frente e cortei-lhe o pescoço.

Era o golpe do voo da borboleta. Um ardil psi-

cológico.

Acordei assustado, as mãos ardendo de segurar a onírica naquinata longa, os olhos atentos ao golpe final.

Houvera tido uma passagem, em uma vida anterior, no Japão feudal.



Outono nos Alpes

Jania Souza

Os ventos descem as encostas das montanhas
no céu, o sol se despedi com pálido sorriso.
Vai namorar as terras do sul e deixa as portas abertas
para receber o manto branco da neve no aconchego
de cada coração, que fica tristonho com sua partida
mas sabe que logo chegam as cores natalinas.

Sol infiel. Buscas mil amores dourados com teu toque
não esqueças que a traição é o fim de uma paixão.

Embaixo de grossos lençóis de lã, a saudade se deixa substituir
pelas cores das alegres lareiras, aquecendo o corpo e a mente.
Nos Alpes, o povo desliza na neve e brinca com as folhas do cipreste
enquanto não se recolhem com o rigor do próximo inverno.
No ciclo da vida volta o cinza no céu e as longas noites de sono.



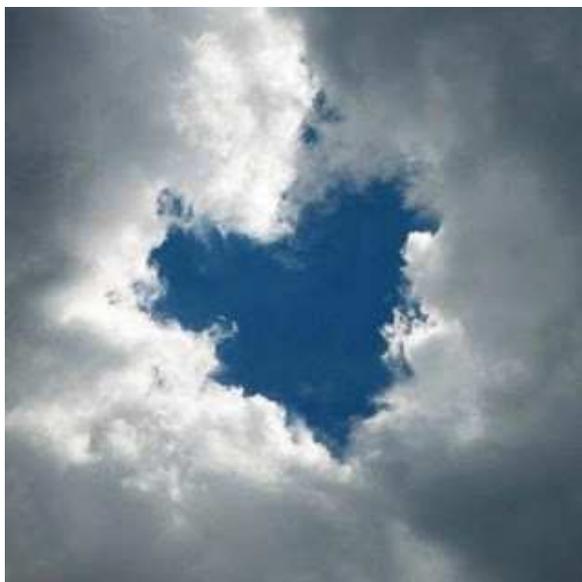
Existe um Reino

Por César Soares Farias

Existe um reino que aparentemente pode parecer um conto de fadas. Um reino que até parece coisa de outro planeta. Um reino em que somente entramos quando acreditamos. Lá existe a perfeição que vocês sempre buscaram toda vez que o mundo lhes decepcionou. Por mais que de mim zombem ou me repreendam, é nele que eu quero estar.

Procurem o reino, pois ele não fica longe se o procurarmos com o pensamento. Situa-se a infinitos quilômetros do caos e da desordem, e a milímetros dos brandos e pacíficos. A música e a poesia são brechas do que virá um dia. Animem-se e não fiquem tão tristes, pois esse Reino de fato existe.

Não tentem me convencer a aceitar os dias que passam como se fossem a única realidade possível. A paz do céu estará aqui e isso me motiva a lutar em favor do Reino, mesmo com minhas limitações, até que um dia possa entoar com meus irmãos uma canção composta na corte do Reino de Deus. Se ainda me restar alguma lágrima, eu certamente chorarei de alegria, porque, vejam só, as primeiras coisas já terão passado.



ERROS DO ACASO

Por Leandro Martins de Jesus

A alegria de outrora
Agora se torna agonia
Por saber, e sempre saber da impossibilidade

Não existe quem sabe
Não existe talvez
Não existe um dia
É a força de um desejo que é fantasia

Tristeza é o que resta...
Procure o caminho do esquecimento
É a opinião

Dor na alma
Profunda constatação
Amar que não te ama
É erro sem perdão

Porém não se escolhe a quem amar
De quem será o erro então?

Erros do acaso!
Falhas da ocasião!



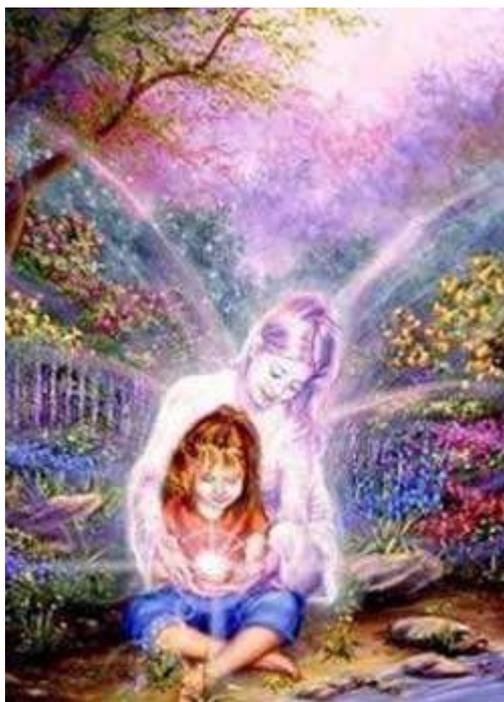
Criança em mim

Por Silvana Brugni

Fique longe amargura,
deixe minha criança viver;
Ela é de alegria pura,
riso solto, brinca e pula.

Saudável é o bom humor:
Em tempos de sarcasmo
prefiro a ironia,
para se viver leve,
e conhecer a harmonia.

Embora o mundo às vezes bata forte
ora vida boa.. ora vida dura,
é qual vara de pescar que enverga...
mas não quebra!



NO UNIVERSO DE GUACIRA MACIEL



Estética da Literatura

A um primeiro olhar os meus textos literários poderiam ser considerados uma espécie de transgressão, um erro, mas não os percebo assim...o meu interesse em relação à Literatura é tentar entender (e desvendar) uma compreensão muito pessoal, íntima mesmo, da escrita como arte; em sendo assim, não posso submetê-la a cânones, sejam quais forem eles, mesmo que acadêmicos, da língua materna, e muito menos de uma reforma ortográfica com a qual eu não tive nenhum envolvimento, e isso tudo vai muito além da “licença poética”, tendo uma carga emocional e subjetiva muito forte, pois esse caráter transgressor ou ressonante da Literatura me possibilita ultrapassar os limites ‘eu mesma...’

Um texto literário, como criação, é tão plástico quanto uma pintura, um desenho e, dessa forma, como estes, não pode ser submetido a regras quanto ao que o seu autor deve falar, por se tratar de percepção, de sentimento, o que é muito subjetivo. Quando deixo escorrer o pincel sobre a tela, embora tenha uma

ideia inicial do que penso pintar, não tenho total controle sobre o resultado final... muitas vezes o pincel é arrebatado e o trabalho escapa à minha determinação. Assim é o ato de criar escrevendo; a Literatura, diferentemente de um texto acadêmico, é simbolista, metafórica, carregada de subjetividade, de representações... Faço literatura, escrevo, para me expressar, para me fazer representar em meu tempo humano, para deleite pessoal e de quem me lê, e não há aí, desejo nem obrigação de legitimar a gramática (as maiúsculas após as reticências e as vírgulas, então...), até porque, posso ser lida por uma diversidade tão grande de pessoas, com histórias pessoais também tão diversas que deixo de ter controle sobre o que escrevi. O meu trabalho pode ser lido - espero... - por qualquer público, inclusive aquele caracterizado por alguns como iletrado, que poderá interpretá-lo segundo sua condição ou necessidade, ou entendimento do próprio texto e concepção de mundo, uma vez que uma obra depois de publicada, depois de entregue ao público, não pertence mais ao seu autor no sentido do domínio interpretativo e terá tantos coautores quantos o possam ler... (Segue)

Além dessa estética do texto escrito, no sentido mais profundo ou profano, eu também preciso expor a estética da minha percepção daquilo sobre o que escrevo. A minha literatura em poesia ou prosa é muito impressionista e compõe a minha fantasia, a minha música particular aliada ao que percebo da vida, das relações, das coisas, da paisagem, das pessoas que, às vezes, apenas passam por mim ou daquelas que cruzam o meu caminho e me afetam profundamente por instantes que poderão jamais se repetir... tudo isso, sei, tem um forte caráter de "nonsense", mas sendo intimista, o meu texto é mesmo imperfeito, como eu, pois minhas metáforas, meu ritmo e pausas vão refletir o meu sentimento naquele exato momento, assim como a dramaticidade que quero demonstrar, aliando a minha atmosfera íntima à atmosfera externa, na tentativa de capturar ou "imprimir" aquele fragmento de tempo através da escrita..



DUALIDADE DOS DESERTOS

Por Iolanda Martha Beltrame

Veem-se desertos
Aqui, alhures
Na solidão ambulante
Um homem passa
Despido o afã esperança
Vaga a nudez que criou
A representar ideal- miragem
Areia mutante
Deixa-se levar ao vento.



INFÂNCIA

Por Cléber Rego

Sonhei um dia em ter bigodes vermelhos,
tua envergadura:
Golias do alto de um metro e sessenta,
Aquiles do calcanhar rachado,
Dragão-de-Komodo,
carcará, Xangô, Deus.
Via com os olhos do Menino Mais Novo.
Galopei o mundo grande no mar das tuas costas:
Felipe fazia-se Bucéfalo
e me querias Alexandre,
sem as coxas de Heféstion.
(pobre Édipo!)
“Amanhã eu se escondi, não foi?”
Você ria seu sorriso azul
e eu era o sol.



MOTE: “Sonho é fumo que se esvoaça!

Não se consegue agarrar...

Por isso é que o homem passa

A vida inteira a sonhar!

Álvaro Manuel Viegas Cavaco

Por Cristina Cacossi

GLOSANDO EM QUADRA:

Sonhar sempre

Sonho é fumo que se esvoaça

Como a bruma vespertina

No meio de singela fumaça

Caminha em serpentina.

Possui passos rápidos, silenciosos

Não se consegue agarrar

Com seu braços tortuosos

Esvai-se, dançando no ar.

A todo ser entrelaça

E os sentidos inebria

Por isso é que o homem passa

A persegui-lo com euforia.

Mesmo sem descobrir sua moradia

Importa é sua magia buscar

E passar nossa travessia

A vida inteira a sonhar!





EDIÇÃO ESPECIAL SOBRE A PAZ!

Estamos preparando uma edição especial sobre a PAZ!

Participe!

Envie seu texto sobre este tema, em verso ou em prosa, para
nosso e-mail varaldobrasil@gmail.com

Toda participação é gratuita!



Quem me dera... Ah! Quem me dera...

Por Rozelene Furtado de Lima

Minha canção chegasse aos teus ouvidos
Eu conseguisse entoar um cântico de amor
Que despertasse teu sentimento adormecido
E o vento te trouxesse antes do sol se por

Quem me dera compor como um poeta
E soubesse falar na linguagem dos anjos
E nas entrelinhas pusesse a afinação certa
Melodiar ritmando emoção em mil arranjos

Quem me dera saber converter saudade
Em abraços apertados de corpo inteiro
Com beijos dados e entregues a vontade
E dentro da canção surgisse um violeiro

Quem me dera... Ah! Quem me dera...

Transformar lágrimas em água benta e pura
Lavar esse amor e ser para sempre abençoado
Saciar a sede com um pote cheio de ternura
Revirar, desobstruir e limpar o tempo passado

Quem me dera encontrar a ilusória passagem
E num caminho feito de estrelas brilhantes
De mãos dadas providos de muita coragem
Ultrapassar o fantástico portal dos amantes

Quem me dera soubesse fazer alquimia
Esquecer meu endereço e a minha rua
Dar vida aos sonhos repletos de fantasia
E fincar nossa morada no mundo da lua

Quem me dera... Ah! Quem me dera...



UNIVERSALIDADE FEITA DE SONHOS E FANTASIAS!

Por Odenir Ferro

Não, eu creio que não. Não mesmo... Nunca saberei nem exprimir e nem mesmo expressar-me, mediante a – ao menos, pelo menos – tentar descrever em palavras, toda a magnitude dos meus sentidos envolvimentos com os meus caminhos emocionais, os quais vão se aprofundando cada vez mais, dentro das memórias emotivas – concentradas dentro do universo (cada vez mais expansivo) da alma do meu coração...

E, que vai pulsando, pulsando, intensamente... Numa procura ininterrupta, para tentar expressar os teores e os valores emocionais do Amor, e assim, criar condições ideais, para poder exprimir-me, através da Grande Arte, impregnando, plasmando, dentro Dela, as belezas mais expressivas, mais sensíveis, mais espirituais, que se projetam da Divindade da Criação... E que são ou estão, concentradas nos Sonhos – os geradores ininterruptos – desta força intensa, imensa, e, que se faz presente – continuamente – dentro das Fantasias, quando, seja em êxtase ou não, transportamo-nos, todos, dentro dos carismas indefiníveis dos momentos felizes, provenientes das resultantes, acontecendo e sucedendo-se ininterruptamente, através da Comunicação expressada através de todos os gestos de todos os atos, de todos os encantos, de todos os arrebatamentos, gerados através das expressões e atitudes, decorrentes desta

Grande Arte...

Produzida ou reproduzida, a partir da concentração do nosso interior, voltado ou voltando-se ou revoltando-se, de corpo e de alma – para a busca e realização incansável – cujos valores incalculáveis, os extraímos destas forças tridimensionais que se concentram dentro destas Universalidades feitas de Sonhos & Fantasias!

E, dentro desta Maravilhosa e Grande Arte, os nossos sonhos e as nossas fantasias, vão intermediando-se e nos infiltrando, dentro do inconsciente coletivo... Onde, cada qual de nós, seres humanos que somos (e porque não dizermos, também, o mesmo se sucedendo com os animais? Creio que isto seja possível...) – e assim sendo, vamos todos atravessando estas belíssimas Pontes que conduzem-nos a todos, para os Portais Metafísicos, os quais, eleva-nos a Todos, através destas projeções artísticas...

Realizadas nas dimensões intercalando-se entre realidades materiais e imateriais, espirituais, mediúnicas, metafísicas, transcendentais, nas quais, ou através das quais, vivemos... E, que são projetadas e produzidas ou reproduzidas, através dos corpos e almas, mentes e espíritos artísticos, aptos a expressarem-se e a demonstrarem-se, através dos seus shows, sendo no qual estilo for, exibindo todas as belezas da Grande Arte produzida no Éter da Criação Eterna, produzidas pelas Mãos do Criador...

(Segue)

E, que são as Expressões resultantes, sempre inéditas, e, inspiradas, assopradas, projetadas, manifestadas para nós, humildes seres humanos que somos, através de todos os nossos sonhos e fantasias... Provenientes no interior e no viver de cada um de nós, e, os quais, ou através dos quais, todos os aptos artistas, incansáveis artesãos da imitação do Criador, vão gerando as mais diversas, as mais carismáticas e as mais belíssimas e sofisticadas interpretações – sejam elas pessoais, sejam elas de transcendências universais, – a todos nós: através desta Coletânea do Todo deste Tudo Universal!

O qual, está infinitamente sendo, demonstrado através das benevolentes expressões Eternas – através da Grande Arte – produzida e gerada pela sabedoria inquestionável de Deus e de Toda a amplitude da Sua grandiosa e valiosa Criação!

Somos todos semideuses humanos! E, imitadores do nosso Criador que somos, através das mais diversas e sensíveis variações dos nossos sonhos e fantasias; recursos estes, os quais, sendo dons individuais, os usamos como ferramentas pessoais e interpessoais, para expressarmos-nos, através das nossas produções resultantes comunicabilidades com os nossos irmãos humanos, animais, e vegetais... E estas cognições de comunicabilidades interpretativas, nós as extraímos da Grande Arte...!

Seja em qual sentido for, seja por quais Ferramentas Comunicativas (ou tecnológicas, como resultantes de reproduções das veiculações em massa, das nossas produções artísticas) pudermos expressarmos-nos: seja ela, no sentido Literário, seja ela no sentido

Teatral, no sentido Plástico, seja no sentido Poético, enfim, seja no qual sentido for – vamos todos nós, voluntários ou involuntários, manifestando e manifestando-nos todos, artesãos intermediadores, através dos nossos mais belos anseios inspirativos: Sendo eles todos, projetados e expressos dentro da alma emotiva oriunda na nossa mais humilde pureza de sentimentos, no sentido de imitarmos, de expressarmos, de aprendermos, de realizarmos, todas as evoluções amorosas infinitivas... Vindas até a todos nós, através das resultantes das Luzes da Sabedoria Eterna do nosso Criador e Produtor do Tudo e de Todos: O Grande e Inconfundível Maestro, o qual o denominamos de Deus!

Somos as imitações mediúnicas (e caricatas) desta Grande Arte: e, através dos nossos Sonhos, geramos as nossas Fantasias. Para produzirmos um pouco, ao menos um pouco que seja, desta Grande Arte... E assim, deixarmos a nossa marca pessoal na História da Humanidade, expressando-nos através das nossas sensibilidades, das nossas emoções, e, das nossas extremadas vontades, de abraçarmos o nosso próximo, de amarmos o nosso próximo, o nosso irmão, os nossos animais, as nossas plantas, o nosso chão, o nosso Planeta, o nosso Universo... Através destas forças as quais, não podemos – nem ao menos medi-la, e, nem muito menos questioná-la (e sim, aceita-la!) – e então, somente, instintivamente, sabermos projeta-las, no sentido emocional e espiritual mais profundo, no qual nos damos permissividade de podermos passarmos ou repassarmos, os Shows Interpretativos de um Amor Universal e Transcendental, para toda a Humanidade!

O quintal

Por Ly Sabas

Para os adultos era só um quintal onde criavam galinhas, cultivavam legumes, verduras e frutas. Mas para as crianças... ah, para as crianças... era um mundo transbordante de fantasias!

No extremo direito do mundo, logo após a planície verdejante, ficava o Condado Galináceo, domínio do Conde Aníbal, um empertigado galo preto e branco. O condado era pequeno e seus habitantes, na maioria fêmeas, trabalhavam intensamente para que o Conde pagasse os impostos devidos ao Rei. Todos os dias, pela manhã, a Rainha enviava uma pequena camponesa com ordem de vasculhar o condado em busca de pequenos tesouros ovóides, que escondiam em seus interiores gemas preciosas.

Em outras feitas, o Rei aparecia em pessoa. Fazia-se acompanhar de seu fiel escudeiro Guarani. Embora fosse de natureza dócil, sob as ordens de seu senhor transformava-se em um ser monstruoso, perseguindo sem piedade os vassallos do Conde. Era um ritual primitivo e aterrador. O Rei escolhia quem seria sacrificado, fazia um sinal e dizia umas palavras ao seu escudeiro que se lançava em perseguição, por todas as dependências, até conseguir imobilizar sua vítima. A verdade, e isso precisa ser dito em sua defesa, é que não machucava nem feria ninguém. Deixava essa parte terrível para seus senhores.

No lado oposto às terras de Aníbal, atravessando a planície, ficava a aldeia dos índios mais selvagens que se possa imaginar. A tibo inteira dividia duas cabanas feitas de troncos e folhas de bananeiras e, usavam bolotas de mamona em estilingues metamorfoseados em zarabatanas. Os índios estavam sempre em pé de guerra com umas camponesas que cultivavam boa parte da planície. Embora em menor número, eles sempre saíam vitoriosos dos combates, porque mamonas doem mais do que tomates e camponesas choram com mais facilidade do que índios.

Quando os índios partiam da aldeia em direção à floresta, por mais absurdo que fosse, tinham primeiro que atravessar o mar. Suas águas, de um brilhante verde grama, eram

infestadas por barcos fantasmas, que só deixavam visíveis suas imensas velas coloridas. Nestas ocasiões usavam disfarces de piratas e um barco redondo de alumínio, bem grandão, que pilhavam no castelo real. Diversas vezes tiveram que enfrentar um enorme e fel-pudo monstro marinho, clone do fiel escudeiro do Rei, que se embarafustando entre as velas fazia tal alarido atraindo a atenção das camponesas. A batalha recomeçava e invariavelmente terminava com todos levando lambadas de varas de amoreira, desfechadas pela Rainha que, além de amiga do monstro, era mandatária dos barcos fantasmas.

Quando conseguiam vencer a batalha antes que a Rainha aparecesse, corriam a se esconder na floresta. Lá era o lugar perfeito para isso, podiam ficar bilhões de anos só se alimentando de jamelões, pitangas, carambolas e outras delícias. Precisavam apenas tomar cuidado com as feras selvagens que também se escondiam lá. A mais terrível de todas era um gato malhado que já havia deixado algumas cicatrizes no fiel escudeiro do Rei, arrancado uns pelos do mostro marinho e não gostava nem um pouco do Cacique. Por certo tempo aquele foi um território somente dos índios. Para manter as camponesas à distância, o Feiticeiro teve a brilhante ideia de dizer que o local era mal assombrado e, além do mais, elas não sabiam subir em árvores. Esse argumento foi válido somente até o dia em que fizeram a grande descoberta: as camponesas conversavam com os espíritos da floresta!

Mas isso é outra história que vai muito além do mundo-quintal.



Sonhos sonhados

Por Marilu F Queiroz

Quando se é criança tudo o que sonhamos e imaginamos pode ser possível. O nosso querer é tão intenso que chegamos a sonhar ... e eu sonhava em ser bailarina. Ouvia músicas clássicas no rádio da sala e me imaginava flutuando levemente como por encanto nas pontinhas dos pés e lá mesmo bailava, bailava até a música se acabar. Naquela época existia uma sapatinha de lona com solado de corda chamada “alparcatas”. Eu tinha duas delas, uma vermelha e outra azul, as minhas cores prediletas. Pois bem de tanto andar e dançar nas pontas dos pés, elas ficavam com as pontas quadradas.

Como era bom e fácil ser criança sem as modernidades dos dias de hoje. Nos sonhos infantis se podia tudo o que a nossa fértil imaginação quisesse. Era só fechar os olhos e criar cenas onde os heróis salvavam as princesas de todo o tipo de perigo. Como bailarina pude realizar várias apresentações para os avós, tios e tias na sala de casa, que era grande o suficiente para agrupar as cadeiras e mesa de um lado e transformar o outro num palco improvisado pelo meu pai que adorava me ajudar em minhas peripécias infantis.

Na TV assistia o programa Grande Gincana Kibon que passava todos os domingos e apresentava crianças dançando e cantando. Mais um sonho povoava a minha cabecinha já repleta deles. Fechava os olhos e me via dançando no programa infantil. O tempo passou e outros sonhos vieram: cantora, escritora, pintora... do mesmo modo que aconteceu com a dança, a cantora se esvaneceu nos sonhos.

O que ficou foi a vontade de pintar e criar histórias, algumas perdidas em meio as brincadeiras de criança, mas a maioria guardadas desde a adolescência e só foram se avolumando em cadernos cujas folhas recebiam os meus primeiros desenhos. Assim se passaram os anos e esse sonho não se desfez como os outros, muito pelo contrário. O que ficou foi a certeza de que dos sonhos sonhados podemos tirar a realidade da vida. Para isso basta persistir e tentar realizá-los.





Pintura de Andre Rosselet

Varal de verão

Por Stella Maris Rosselet

Devido às possibilidades dos temas propostos para este Varal, senti-me livre...

E se eu buscasse minha inspiração na palavra **varal**, usando a imaginação e sonhando um pouco?

Varal, plural, varais...

Lembrei-me dos varais que conheci, que observei ou que tive, por onde vivi.

Aqueles varais simples, improvisados nas cercas de arame farpado, que a gente vê em volta de uma casinha à beira da estrada, aqui no Brasil. As roupas neles estendidas, às vezes desbotadas, remendadas, nos fazem pensar nos trabalhadores rurais, nas crianças subindo em árvores, chupando frutas, chutando bola.

Aqueles varais de cordinha, nas janelas das

casas lisboetas, verdadeiros cartões postais de Portugal, até hoje admirados por turistas, em busca de exotismo. As roupas neles estendidas nos lembram as antigas lavadeiras portuguesas, carregando suas trouxas de roupa, suas bacias. A gente pode até imaginar essas mulheres simples, nas *casas de lavar*, cantando canções de amor ou modinhas, durante essa árdua tarefa, pois como diz o ditado português “*roupa que não é cantada não é lavada*”.

Aqueles varais “borboleta” que, há meio século, foram novidade para mim na Suíça: com quatro hastes. Nos dias ensolarados, eram colocados alegremente na frente de pequenos prédios residenciais, no quintal das casas, para a secagem rápida e perfumada das roupas. Era uma festa, o ritual de estender roupa à vista de tanta gente!

O suíço, em geral, tão comedido, reservado, de repente, por causa do sol, vibrava, nem se importando ao expor sua intimidade, por assim dizer, *a quatro ventos*.

As peças de roupa assim estendidas falavam por si mesmas: muita roupa infantil pendurada, significava que havia crianças naquela casa. Se houvesse calças pesadas de brim, aventais, muita gente trabalhadora. Belos lençóis, toalhas de banho bordadas, roupas finas, era o conforto exposto ao sol!

Essa ideia de varal festivo, no verão, me fez lembrar do nosso **Varal do Brasil**, onde nossos textos, diferentes em tamanhos, formatos e cores, estão cuidadosamente estendidos, lado a lado. Ao receber o **Varal do Brasil**, leio

(Segue)

com atenção e carinho todos textos *estendidos* e fico sempre imaginando como serão os autores deles, onde moram, o que fazem, enfim, quem são as pessoas que se escondem atrás das palavras que nos tocam, nos interpelam, nos fazem sonhar.

Tenho a felicidade de conhecer quatro amigas, que estendem seus textos na *nossa* revista. Uma delas é a *dona* do varal, a querida Jacqueline. Ela não só é a dona mas também o próprio sol que, com sua equipe, alegre e perfuma nossa vida.

Outra é a Bete, amiga de tantos anos, que mora na Suíça. Além de amiga, fomos colegas durante uns trinta anos, como professoras de Português para Estrangeiros.

A terceira é uma amiga e conterrânea, que conheci quando menina, nossas famílias eram bastante unidas mas eu a perdi de vista durante muitos anos: Totonha.

A quarta, é uma amiga que ainda não conheço pessoalmente. Ela entrou em contato comigo pelo face, depois de ler um dos meus textos no **Varal do Brasil**: Marina.

Quanto aos outros *colegas* do **Varal do Brasil**, continuarei imaginando-os através das *peças* que vão estendendo...

Que nunca nos falte inspiração e sonhos para colocarmos, delicadamente, lado a lado, nossos poemas, nossos textos cheios de vida, nossas imagens, num verdadeiro varal de verão!



PARA TOM JOBIM

Por Aldo Moraes

Resplandece a água
Água limpa
Sol bonito
Corcovado encantado no alto
Calmo, o calmo mar e o som



Tranquilo vento que toca a água
Resplandece
Água limpa
Água toda de resplandecer
Encantado, voa o Passarim.



Quer voar e, voa o Passarim
E por que está no mar, o mar é tranquilo
Está no mar e a água é limpa
Está no mar e o sol resplandece
E por que está no mar, vê o céu
Avista o jardim
Está feliz
Está feliz o Passarim



No clarão das águas
No jardim das rosas
De sonho e medo
Matitaperê brasileiro
Homo sapiens da cidade linda
Sopra à natureza, o tom do seu amor
O som do seu.

O rio: Água limpa de marços, fevereiros
Marcha-estradeira
Terra brasilis
Antônio Carlos Brasileiro
Antônio de Almeida Jobim
Tom
Rio de Janeiro Passarim (nho).





Foto de Marina Gentile

NA COXIA

Por Marina Gentile

Vegetariana, adepta de orgânicos,
Pratica a boa alimentação,
Tem um filho natureba,
Que já aprendeu a lição.

Estatura pequena, versátil, ciclista,
É de circo, palhaça, engole fogo, malabarista,
Acrobata em tecido, arte com perna de pau,
No Pelourinho aprendeu dança afro,
E ensina tango, no país do carnaval.

Ela está sempre pronta e disposta,
A vida dela é arte, filosofia,
Abram as cortinas,
Faustina está na coxia.

Uma história de Anjo

Por Marluce Portugaels

Não sei se foi um sonho. Ou uma visão. A última coisa de que me lembro é que perdi o sono, pensando na conversa que tive com uma amiga sobre a existência dos Anjos. Eu, querendo crer. Ela, duvidando. Então, voltei a dormir. Foi quando aconteceu uma coisa extraordinária. Vi, à minha frente uma jovem pessoa. Poderia ser um mancebo. Mas isso não tinha importância. Era uma linda criatura. Parecia um ser andrógino, como os anjos da capela do colégio em que estudei quando criança. Ele não era loiro como geralmente são os anjos, e sim de tez morena e cabelos negros, anelados, à altura dos ombros. Usava uma roupa estranha. Um tipo de casaco de peles, sem mangas, aberto na frente. Seu corpo se delineava, elegantemente, sem mostrar suas vergonhas. De seus ombros saíam penas, dando a impressão de serem asas. Não, não cheguei a ver as asas, mas sabia que elas estavam lá.

Cheguei-me a ele e perguntei, “Quem é você?” “Sou um Anjo”, respondeu-me. Continuei, “Anjo? E por que não está no Céu?” Ele replicou, “Estamos em missão na terra. Ordens do Criador!” Curiosa, voltei a perguntar, “Que tipo de missão?” “Uma dela é ajudar as pessoas a acreditarem que os Anjos existem”, disse-me ele.

Foi, então, que notei o grupo que se formava. Também eram Anjos. Todos jo-

vens, lindos, excêntricos, exibindo com um narcisismo compreensível sua quase nudez pura e bela.



E eu, continuando a conversa, “E quando vocês retornam ao Céu?” “Bem”, disse ele, “não há pressa. Depende das necessidades dos homens e das mulheres aqui na terra, dos pedidos que fizerem, assim como das tarefas que Deus tiver para nós. O tempo não tem importância lá no Céu. Por ora, devemos ficar um pouco por aqui, para conviver com os humanos deste planeta tão belo e tão castigado. Olhando a terra lá do alto, sabemos o que acontece aqui. Mas, queremos saber por que muitas pessoas se sentem infelizes, quando tudo foi criado para a felicidade delas. Por que são elas descrentes? O que mais desejam as criaturas da terra?” “Temos que relatar tudo a Deus, que decidirá o que fazer com os homens na terra”.

(Segue)

“Não é sempre que se tem a chance de falar com um Anjo. Assim, aproveitando a oportunidade, você poderia levar uma mensagem minha para Deus?”, perguntei. Diante do sorriso encorajador do Anjo, continuei, “Eu gostaria que os homens e as mulheres na terra vivessem em harmonia, que amassem uns aos outros, que não houvesse guerras nem tiranos, que todos se preocupassem com o bem-estar geral, que cuidassem de nosso planeta com amor, que as crianças aprendessem desde cedo que só o amor constroi.”

Meu Anjo respondeu, “Eu não vou lhe prometer que tudo isso vai se realizar rapidamente. O tempo da terra é diferente do tempo do céu. Mas vou tentar. O importante é acreditar, é crer que a Deus nada é impossível. E para si, o que deseja?” Respondi, “Para mim basta ter meu Anjo da Guarda perto de mim, para me proteger contra os perigos. E que para provar sua existência, de vez em quando ele me dê asas para voar ao lado dele bem alto até alcançar a imensidão...”

O Anjo esboçou um sorriso lindo, enigmático, porém cheio de promessas. Acrescentou, “Mas, você pode voar quando quiser, pode fazer viagens fantásticas, pode ir para onde quiser. Basta ter fé. Lembre-se que a Deus nada é impossível”, disse ele se afastando e acenando gentilmente.

De repente, acordei com a sensação de ter conversado com um grande amigo. Pensei, será que foi um sonho? Algo me dizia que aquele ser formoso, cheio de doçura era o meu Anjo da Guarda. E que ele me

acompanha em todos os lugares e me protege onde quer que eu esteja. Rolei um pouco na cama, desejando continuar com o sonho. Então, senti um vento suave soprar em meus cabelos, em meus olhos que se fecharam como quando eu era criança e adormecia ao som da voz de minha Madrinha que contava a história do mercador de areia, que passava todas as noites, fazendo-nos fechar os olhos e adormecer...

Acordei com o dia claro, ouvindo a voz de minha amiga que dizia, divertida, “Ontem, eu te ouvi conversando em sonho e tu falavas com uma pessoa sobre o teu desejo de voar bem alto. Falavas com teu Anjo da Guarda? Para onde querias ir com ele?” Respondi com um sorriso, quase certa de que meu Anjo da Guarda piscava para mim.

Fim



SONHAR

Por Júlia Rego

Que pode uma criatura senão
Entre criaturas, sonhar?
Sonhar e viver
Sonhar e realizar
Sonhar, sonhar e sonhar?
Sempre e, até sofrendo, sonhar?

Que pode, pergunto, o ser sonhador
Sozinho e com todo o universo senão
Viver e realizar, e também sonhar

Sonhar com o cheiro que o mar traz à praia
E com a sedução com que ele nos toca, e o que no raiar do dia
É espuma, ou sonho de amor, ou simples desejo?

Sonhar ardentemente com as estrelas da noite,
O que é fantasia ou expectante espera,
E sonhar com perdido, o limitado,
O débil momento, a fragilidade do homem
E o coração aberto, e o olhar invencível, e a grande surpresa

Este o nosso destino: sonhar sem medida
Espalhado pelas coisas grandes ou pequenas,
Doação ilimitada de múltiplos desejos
E na roda perdida da esperança,
Crédulo de mais e mais sonhar

Sonhar a nossa falta mesma de sonho, e na ausência total
Sonhar o amor infinito, e o beijo ardente, e completude eterna.





Brasil com cara de Brasil

Por Rogério Araújo (Rofa)

Na passagem de mais um 7 de setembro que completa este ano exatos 192 anos da Independência do Brasil que era colônia de Portugal até 1822, precisamos refletir um pouco sobre nós mesmos.

O nosso querido país é bem exclusivo em seu “jeitinho”. Só quem nasceu aqui sabe o que é ser brasileiro. Existem coisas que acontece aqui que ninguém entende, somente os “brazucas” desta terra.

Para o Brasil ter a “cara de Brasil” basta ser quem ele realmente é. Não aceitar imposições de fora de quem não o conhece e o desrespeita. Crescer e aparecer como um “gigante pela própria natureza”.

Ser mais cuidadoso ao passar pelos momentos cívicos como o das eleições, quando estará elegendo seus representantes no governo para presidente, governador, prefeito, senador, deputados federais e estaduais e vereadores e VOTAR COM MAIOR CONSCIÊNCIA.

Pensar que mesmo votar sendo uma obrigação é um direito e bem melhor que uma ditadura. O seu futuro está em suas mãos. Quem você escolher fiará no poder por quatro anos. Escolhendo mal, agunte esses anos até mudar.

Seja “independente” nas decisões e não siga orientação de quem a não ser de DEUS que está no céu pronto a te ajudar em tudo.

Viva o BRASIL com toda a nossa CARA DE BRASIL !!!



REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS

JÚLIA REGO

SONHAR AINDA É POSSÍVEL?

Sonhar é um ato inerente ao ser humano. É o que nos impulsiona a buscar novos desafios, realizar novos projetos e, por que não, o que nos mantém vivos. Ao longo da história da humanidade temos inúmeros exemplos de pessoas que ousaram sonhar e, mais ainda, ousaram acreditar em seus sonhos e fazer deles a realização do sonho de outras tantas pessoas.

Sonhar é imaginar o inimaginável, é desejar realizar o irrealizável, é querer alcançar o inalcançável, é carregar dentro de si uma força capaz de mover o mundo quando todos já desistiram, é nunca desistir de uma vontade, incompreensivelmente, inabalável que nos impulsiona a seguir rumo ao que nos realiza, tornando-nos imunes ao pessimismo e à desesperança.

Sonhos individuais, sonhos coletivos, sonhos de amor, sonhos de justiça, sonhos de igualdade, de paz, de liberdade, todos nos trazem a certeza de que, se assim não fosse, estaríamos presos mecanicamente às estressantes tarefas da vida. O que seria da aviação se não fosse o sonho de Ícaro? Imagine se John Lennon não tivesse sonhado com a paz?

Ainda que tenhamos a necessidade de viver a utopia, constata-se que, na sociedade contemporânea, o homem vem perdendo a capacidade de sonhar, seja pela falta de esperança, pela correria do dia a dia, seja pela perda da crença em si mesmo e no outro, ou por

acreditar que sonhar não passa de um estado de espírito daqueles que vivem nas alturas e que precisam pôr os pés no chão. E quem disse que o sonho não nos leva às alturas?

É triste pensar que chegamos ao ponto de não mais acreditar que precisamos continuar sonhando e, mais, que precisamos fazer tudo para realizar desde os mais simples aos mais, supostamente, irrealizáveis. A frieza dos tempos modernos insiste em nos tirar o que temos de mais precioso dentro de nós, e assim vamo-nos tornando também frios e desacreditados de tudo e de todos.

Quando Martin Luther King disse “eu tenho um sonho” ele, com certeza, resumiu o sentimento contido em todos os seres humanos. Sim, nós temos um sonho, mesmo que seja de viver um amor eterno, ou de desejar a paz para a humanidade, e ainda que não tenhamos mais emoção para deixá-lo ser gerado em nossos corações, nem tempo para deixá-lo crescer em nossas mentes, insistamos para que ele não se perca na escuridão de um mundo sem fantasia a que, irremediavelmente, ficamos relegados.





LUPA CULTURAL

Por Rogério Araújo

(Rofa)

Uma mídia do bem ou do mal?

Vivemos na corda bamba ao nos depararmos com os mais diversos meios de comunicação que formam a mídia e que traz os mais variados aspectos tanto positivos quanto negativos na vida de todos.

E como conviver com ela de uma maneira que não cause maiores danos à nossa existência? É preciso que usemos alguns “filtros” para, em estado de alerta, percebermos o quanto pode causar perigosos efeitos. Ela, sutilmente, invade a vida da pessoa, seja para o bem ou para o mal, trazendo grandes repercussões. Uma exposição e discussão que continua em toda a obra.

O uso da tecnologia no cotidiano já se tornou algo fundamental e enraizado no interior do ser humano. É preciso utilizá-la da melhor forma possível para que traga grande proveito para a vida, e não prejuízo. O homem é dotado da inteligência dada por Deus, mas nem sempre a usa para o bem. A mídia também pode se transformar num “vício”, mesmo que seja, ao mesmo tempo, algo que amaldiçoa e abençoa.

A **mídia impressa** é uma das mais antigas que existe. Ela foi determinante as pregações da igreja, para difundir ideias nos mais variados movimentos políticos, religiosos, filosóficos etc. Através dela foram noticiados diversos acontecimentos de nossa História. Existem muitas publicações de grande utilidade, mas, também, algumas que são mais inúteis do que se imagina. Jornal e revista é maldição quando usado para manipulação e bênção quando informa e se torna a voz do povo.

A **rádio** é um dos meios de comunicação de massa mais difundidos em todo o mundo. Uma verdadeira companhia para dos momentos de solidão das pessoas que riem e choram ao escutar sua programação. As músicas tocam fundo no coração e também agridem a mente quando contém erros e são impregnadas de “sujeira”. Pode ser fonte de debates e até de calorosas discussões. É maldição quando leva aos desvios e bênção quando acompanha as pessoas em suas vidas.

Novelas, esportes, notícias, *reality show*... quanta coisa boa e ruim ao mesmo tempo.

(Segue)

É uma questão de escolha do que acrescenta e do “tira” de quem assiste. Este meio de comunicação é realmente uma “caixinha de surpresas”. Um meio de união e, também, de desunião da família. É preciso filtrar o que vê na TV. A **televisão** é maldição quando é irresponsável no que coloca no ar e bênção quando informa e alerta sobre tudo a todos.

O **cinema** se transformou em algo grandioso que envolve quantias milionárias. Existem filmes de todos os tipos e para os todos os gostos. Alguns são polêmicos e podem causar sérios problemas pelas ideias que tentam passar, principalmente quando são direcionados para as crianças, tão vulneráveis a esses ataques. A “sétima arte” é maldição quando induz ao expectador e bênção quando emociona, sendo uma diversão sadia.

Hoje em dia por mais que os “tradicionais” reclamem não dá para viver sem **internet**. Desde que foi criada em plena Guerra Fria, ela evolui a cada dia. É e-mail, comunidade virtual, bate-papo *on line*, site de busca, redes sociais... tudo para facilitar a vida de todos. Será que tudo são flores nesse universo virtual ou existe algo obscuro? A maldição começa quando erros éticos e morais são cometidos, via computador, como se fosse algo normal e a bênção quando ajuda o dia a dia.

Quem já não parou para assistir aos comerciais de TV ou ficou deslumbrado com uma peça publicitária de jornal ou revista? Mesmo não sendo uma mídia propriamente dita, a **propaganda** está presente em todas

as outras com grande destaque. Ela pode “vender” o produto mesmo que este faça até mal à saúde como o caso de bebidas e cigarro. É maldição quando induz e apela demais e bênção quando é útil, social e alegra seu público.

A mídia é uma das poucas soluções para uma “responsabilidade social globalizada”. A mesma mídia que pode trazer grandes problemas traz preciosas soluções. E, certamente, não é pela bondade do homem, mas pela ação transformadora de Deus.

Estamos ouvindo, lendo, assistindo, acessando, frequentando ou sob persuasão positiva ou negativa mediante às mídias que somos expostas? A Mídia para você tem sido bênção ou maldição? Reflita e responda para si mesmo!

Um forte abraço do Rofa!



* Escritor, jornalista, autor do lançamento e livro-duplo “O super-herói do Natal” e “Presentão do Natal”, para o público infanto-juvenil, ilustrado e colorido, de “Crônicas, poesias e contos que u te conto...” (Literarte), lançado na 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 2014 e de “Mídia, bênção ou maldição?” (Quártica Premium, 2011); colunista do “Jornal Sem Fronteiras”; participações em diversas antologias no Brasil e exterior; vencedor de prêmios literários e culturais; membro de várias academias literárias brasileiras e mundiais.

O que achou da coluna “Lupa Cultural” e deste texto? Contato: rofa.escritor@gmail.com



Olhou para ela como se fosse nada.
Uma faca enferrujada penetrou o
coração da moça e deixou-a a
morrer sem paz.



[] *Design Editora*

"A simplicidade e espontaneidade da escrita
de Jacqueline encantam a todos que têm a
felicidade de ler seus escritos."

Norália de Mello Castro

PEDIDOS DE LIVROS:

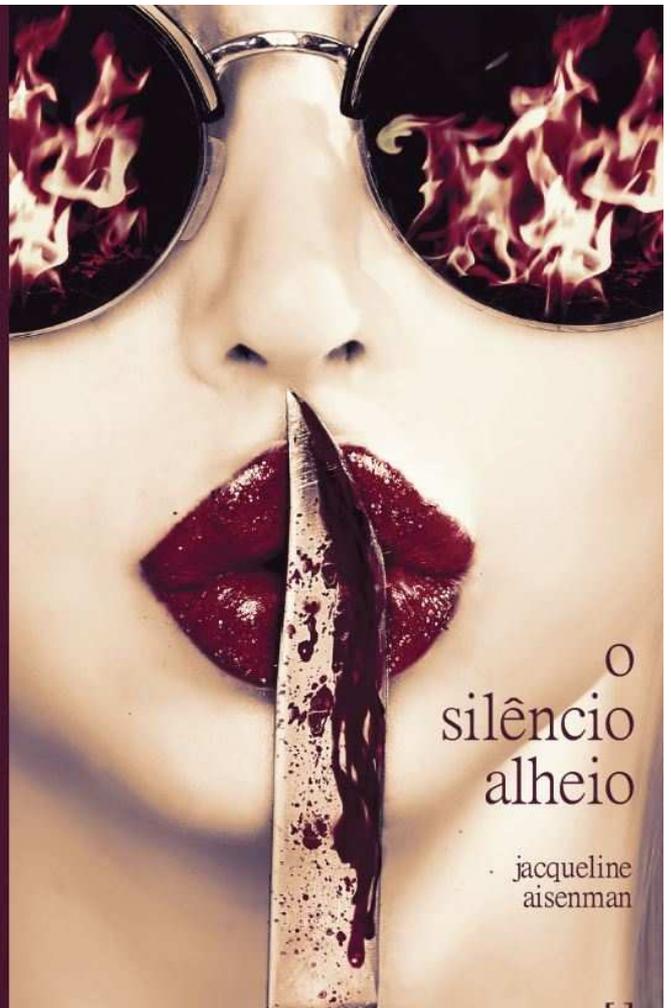
atendimento@designeditora.com.br



[] *Design Editora*

jacqueline aisenman

o silêncio alheio

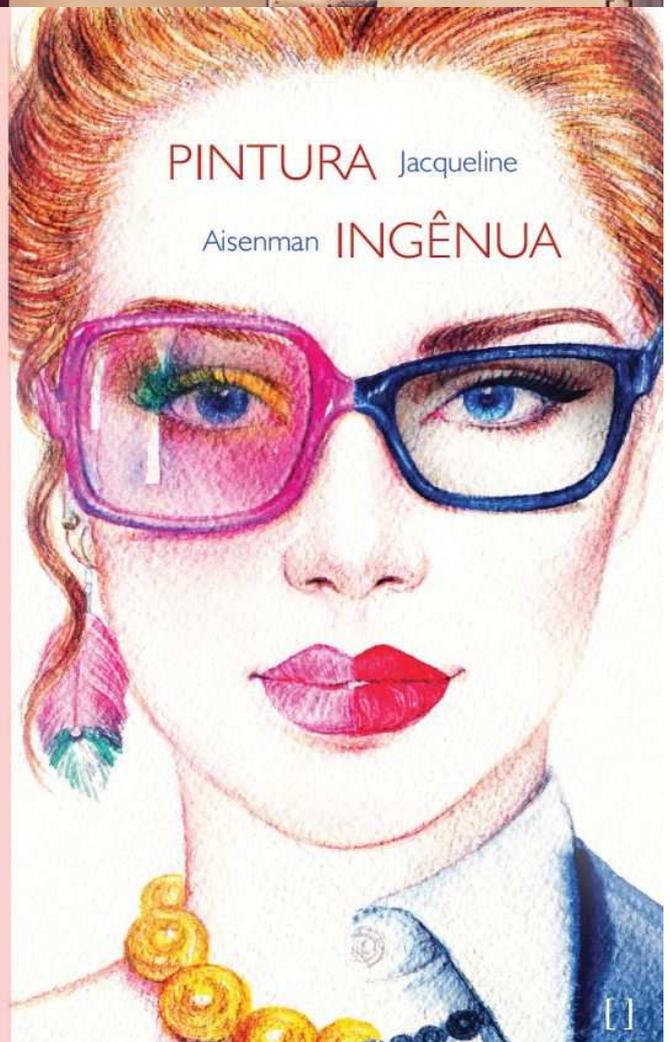


O
silêncio
alheio

jacqueline
aisenman

Jacqueline Aisenman

PINTURA INGÊNUA



PINTURA Jacqueline

Aisenman INGÊNUA

Revista Varal do Brasil

A revista Varal do Brasil é uma revista independente, realizada por Jacqueline Aisenman.

Todos os textos publicados no Varal do Brasil receberam a aprovação dos autores, aos quais agradecemos a participação.

Se você é o autor de uma das imagens que encontramos na internet sem créditos, faça-nos saber para que divulguemos o seu talento!



Licença Creative Commons. Distribuição eletrônica e gratuita. Os textos aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que seja preservado o nome de seus respectivos autores e não seja para utilização com fins lucrativos.

Os textos aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

A revista está disponível para download gratuito no site www.varaldobrasil.com

Contatos com o Varal?

varaldobrasil@gmail.com

A responsabilidade dos artigos assinados é exclusiva de seus autores e os mesmos não refletem necessariamente a opinião da revista Varal do Brasil.

Para participar da revista, envie um e-mail e enviaremos o formulário.



Consulado-Geral do Brasil em Genebra

Rue de Lausanne 45
CH-1201 Genève



cg.genebra@itamaraty.gov.br

CONSULADO-GERAL DO BRASIL EM

ZURIQUE

Stampfenbachstrasse 138

8006 Zürich-ZH

Fax: 044 206 90 21

www.consuladobrasil.ch

ELES NÃO VOTAM, MAS NÓS SIM!



POLÍTICAS PÚBLICAS PARA ELES TAMBÉM!

MOVIMENTO DE DEFESA ANIMAL



**VOLTAREMOS EM
NOVEMBRO
COM O No. 38!**

www.varaldobrasil.com

www.varaldobrasil.blogspot.com

varaldobrasil@gmail.com